

ISPA



Tese de Mestrado em Etologia

**As expressões faciais no estudo de emoções específicas -
Uma análise da importância do contexto situacional no
reconhecimento de algumas emoções**

**Maria Teresa Valentim Amaro
(nº741)**

**Orientador: Prof. Doutor António José dos Santos
Mestrado em Etologia - 95/97**

Junho 2000

	
Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra	
Departamento de Etologia	
Doc. 10751	
Reg. 15701	
Data: / /	

Agradecimentos

Ao longo dos dois últimos anos este trabalho foi uma presença constante.

Sem a disponibilidade e a colaboração da Prof.^a Doutora Manuela Veríssimo este trabalho não teria sido possível.

E em especial ao Prof^o Doutor António José dos Santos o meu sincero obrigado por todo o interesse, empenho e motivação. Sem a sua orientação o projecto não seria concretizado.

“Usamos sempre o corpo como teatro para as emoções”

Fridlund, A.J. (1994)

“As emoções não são um luxo”

Damásio, A.R. (1995)

Índice

<u>I</u>	Introdução	Pag. 5
<u>II</u>	Pressupostos Teóricos	Pag. 10
	1. As Expressões Faciais: Da Antiguidade a Darwin	Pag. 10
	2. Emoções e Expressões Faciais	Pag. 11
	3. O Paradigma de Goodenough-Tinker e o Programa de Expressão Facial	Pag. 21
	4. A controversa universalidade das expressões faciais	Pag. 24
	5. Reconhecimento da emoção: A questão do contexto como factor de um sinal na detecção ou reconhecimento emoção- expressão	Pag. 28
	6. A perspectiva dimensional-contextual na percepção da emoção nas expressões faciais	Pag. 33
	7. Métodos para o estudo do comportamento facial	Pag. 39
<u>III</u>	Método, Material e Procedimento	Pag. 43
<u>IV</u>	Discussão dos resultados	Pag. 46
<u>V</u>	Discussão	Pag. 58
	Anexos	Pag. 62
	Referências Bibliográficas	Pag. 63

I - Introdução

Extremamente visível e omnipresente, à excepção da utilização de véus ou máscaras, a face não pode ser oculta (Ekman,1982).

A face humana, quer em repouso, quer em movimento, em silêncio ou em fala, é complexa e por vezes uma confusa fonte de informação.

Nos encontros diários face a face, cada indivíduo verifica a transmissão de reacções emocionais dos outros. Normalmente, quando um indivíduo observa essa reacção emocional de um outro, uma variedade de fontes de informação estão disponíveis.

Desde o início do século que os dois tópicos mais relevantes para a pesquisa científica foram saber se a face fornece uma informação precisa sobre a emoção e se os comportamentos faciais com ela relacionados são inatos ou adquiridos. A questão primordial, - o que se entende por emoção - , tem dado origem a várias definições, frequentemente descrevendo fenómenos diferentes. Por outro lado, mesmo que seja claramente definido o conceito anterior, uma outra questão se coloca que é a da possibilidade da face fornecer informação exacta acerca da emoção. Se a resposta a esta questão é afirmativa, é necessária a utilização de alguns procedimentos quantitativos, que permitam decifrar a informação exibida na face e estabelecer critérios para que a informação possa ser indexada segundo aqueles, de modo a não existir ambiguidade (Ekman,1982).

Assume-se com um razoável grau de certeza que as expressões faciais servem para inferir estados emocionais dos indivíduos (Wagner et al., 1986). Neste contexto podemos delimitar dois aspectos particulares: a informação acerca da situação expressa e a da expressão facial.

Quando a situação e a face são colocadas de um modo avaliativo, a última tem uma proeminência relativa. A situação pode sugerir como os indivíduos devem tipicamente reagir no geral, sendo a reacção facial parte de cada avaliação. Indivíduos diferentes podem reagir distintamente a uma dada situação. Retornando ao tópico da emoção, se a face origina informação não utilizável acerca da emoção, então ela não tem proeminência na avaliação da emoção. Se a

face traduz sinais específicos das emoções, então a proeminência deverá incluir emoções específicas (Carroll e Russell, 1996)

Certas expressões faciais têm sido teorizadas como sendo facilmente reconhecidas e indiciadoras de emoções específicas. Se assim é, estas expressões poderão suprimir expectativas situacionais utilizadas por um indivíduo na atribuição de uma emoção a um outro.

Uma explicação alternativa é proposta, segundo a qual a face fornece informação relevante para a emoção, mas não constitui sinal de uma emoção específica. Porém, em circunstâncias específicas, a situação permite prever a avaliação da emoção em lugar da informação facial. Neste contexto, a informação situacional será especialmente influente quando sugere uma emoção não básica (Carroll e Russell, 1996).

Segundo Carroll e Russell (1995), a posição a ser tomada deverá situar-se entre estes dois extremos. Não parecem restar dúvidas, acerca de que certas expressões faciais são sinais de emoções específicas, biologicamente determinadas e reconhecidas universalmente (Tomkins, 1963). Tal como, de acordo com este conceito, podemos categoricamente afirmar que a face é parte da emoção (Buck, 1984; Ekman, 1972; Fridlund, Ekman e Oster, 1987; Izard, 1971), mas a actual posição é a de considerar que ela não constitui sinal de emoção específica, sendo da sua expressividade que os observadores inferem da emoção (Carroll e Russell, 1995).

Nesta perspectiva, os citados autores, propõem que o observador se aperceba de dois tipos de informação da face, fácil e automaticamente. Primeiro, percepção de uma informação quase física (forma dos olhos, boca, etc.,) que constitui uma indicação de significado simplesmente literal. Em segundo lugar, baseado em parte nos traços quase físicos, o observador infere dos sentimentos do indivíduo que expressa.

Com base no anteriormente exposto, Carroll e Russell propõem uma outra posição denominada de “dominância situacional limitada “ (limited situational dominance). Segundo esta, a informação facial não será naturalmente proeminente, mas apenas o é de um modo quase físico de informação. Nos estudos realizados, em que se criaram várias situações emparelhadas com faces não exactamente correspondentes, verificou-se que, quando a face e a situação são incongruentes, a informação facial quase física tem um precedente natural sobre a situação informacional; quando a face e a situação são congruentes, a informação situacional determinará a escolha da exacta categoria emocional (Carroll e Russell, 1996).

De facto, os que observam sempre atribuem emoções específicas aos outros, mas Carroll e Russell (1996) propõem que tais julgamentos sejam leves, sem esforço e menos consensuais. Quando uma emoção específica é inferida, isso só é devido a uma base do que é suscitado e acções quasi-físicas foram já percebidas da face - interpretação efectuada à luz da informação disponível acerca da situação expressa. Atribuir uma emoção específica a alguém é perceber uma suficiente similaridade entre o estado pessoal em curso e um “script” para aquela emoção (Fehr & Russell, 1984). O “script” (ou protótipo) especifica os antecedentes, sentimentos, alterações fisiológicas e consequências comportamentais da emoção. Os antecedentes - informação situacional - são, por outro lado, parte do actual significado do conceito de uma emoção específica. Ofensa, ameaça e perda são, respectivamente, parte do significado de raiva, medo e luto.

Com vários nomes e diferentes interpretações, as duas dimensões - informação quase-física e inferência da emoção com base em parte na anterior informação - são conceitos chave em diversos aspectos da emoção (Bradley, 1994; Cacioppo, Klein, Berntson & Hatfield, 1993; Lang, 1994; Larsen & Diener, 1992; Mandler, 1984; Tellegen, 1985). Estas dimensões têm também sido úteis no estudo das expressões faciais (Osgood, 1996; Russell & Bullock, 1986; Schlosberg, 1952).

Neste trabalho pretende-se considerar o caso em que os sujeitos testados têm duas fontes de informação: a da situação expressa (por escrito) e a da expressão facial (mostrada por diapositivo).

A questão específica que se propõe tratar é a da relativa influência dessas duas sugestões informativas, quando cada uma delas, individualmente, sugere uma diferente interpretação emocional. A resposta a esta questão será interessante, no que pode implicar para as consequências mais profundas de uma mensagem precisa contida numa expressão facial.

Exemplificando a discussão com um problema específico de influência relativa, podemos supor que se observarmos uma fotografia para a qual previamente se havia dito que traduzia uma expressão de uma mulher a quem tinha sido dado um presente, a questão colocada sobre qual a reacção emocional da mulher será diferente se não existisse o contexto referido.

Quando a situação e a face são colocadas neste tipo de competição, a face tem uma proeminência que podemos considerar de primazia normativa ou seja de superioridade (Carroll e Russell, 1996). Esta situação é um guia, não uma garantia. Pode sugerir como as pessoas em geral

reagem tipicamente, mas a reacção facial é parte de cada reacção a ser avaliada. Indivíduos diferentes podem reagir de modos distintos a situações propostas. Supondo que o presente ofertado à mulher era o de uma determinada quantia monetária, uma mulher poderá sentir surpresa, enquanto outra alegria, uma terceira desapatamento, uma quarta raiva.

Num outro contexto totalmente diferente, como o dessa quantia ser uma mensagem codificada predizendo um desastre, haverá, necessariamente, outra reacção por parte do sujeito. A situação objectiva (o recebimento de uma determinada quantia monetária) pode providenciar melhor a avaliação do observador, servindo como um guia, sendo a expressão facial parte da reacção. Quando como observadores, temos somente a informação incompleta acerca da situação (não sabendo qual é a oferta que o sujeito recebeu, ou o que ele esperava receber, ou ainda como é que a situação foi construída), então a informação facial deverá tornar-se cada vez mais influente. Neste caso, visualizando a face, somos forçados a adivinhar que a oferta não é um bonito presente, como inicialmente se havia imaginado, mas algo de horrível.

Assim, a face é normativa e psicologicamente influente, mas apenas em certas situações. Se a face origina informação não utilizável acerca da emoção, então não terá proeminência na avaliação da emoção; se a face sinaliza emoções específicas, então a proeminência incluirá emoções específicas. Em antecipação, podemos considerar que a posição mais correcta será entre estes dois extremos.

Segundo Carroll e Russell (1996), a proeminência normativa da face é um instrumento de pesquisa que pode ajudar a delimitar precisamente qual a informação que a face pode fornecer (qualquer que seja a informação proeminente dir-nos-á o que a face claramente sinaliza).

A maior parte das pessoas são confiantes e seguras da certeza de que podem ler emoções específicas nas faces. Quando nos primeiros trabalhos da Psicologia se examinaram as expressões faciais sob situações controladas, encontraram-se, com surpresa, discordância entre as observações acerca da emoção apropriada inferida unicamente a partir da face (Feleky,1914).

A certeza não é consensual e alguns autores (Fernberger,1928; Landis,1924,1929) sugeriram que, em cada circunstância diária, os sujeitos estavam de acordo com uma emoção específica para uma face particular, apenas quando o contexto fornecia um background informativo preciso e rigoroso para uma emoção. Contudo, esta sugestão foi eclipsada pelo trabalho de Tomkins (1962,1963), Tomkins & McCarter (1964) e por aqueles que por ele foram

inspirados (Ekman,1972; Izard,1971). Tomkins iniciou um programa de pesquisa que convenceu a maior parte dos psicólogos de que, pelo menos algumas expressões faciais, são sinais de emoções “básicas” específicas (alegria, surpresa, medo, raiva, repugnância, desprezo, tristeza) e foram criadas pela evolução com esse mesmo propósito.

O trabalho agora proposto, baseado no estudo realizado por Carroll e Russell (1996), examinará a questão de qual a informação precisa que a face pode fornecer, abordando o problema de como os sujeitos testados respondem a combinações de informação situacional e informação facial.

II - Pressupostos Teóricos

A face é para os teólogos o espelho da alma, para os artistas e fisionomistas permite avaliar o carácter, para os clínicos e investigadores revela emoções. Qualquer que seja a abordagem possível, as faces são sempre mais que ossos, músculos e carne. As nossas faces significam algo de transcendente, pois “dizem” algo de nós, declarações das nossas próprias intenções e reflexos das intenções dos outros (Fridlund, A.J.,1994)

1. As Expressões Faciais : Da Antiguidade a Darwin

A intenção de “ler” a face remonta à Antiguidade Clássica. Existia no Antigo Egipto e Arábia e constituía uma profissão na China antes de Confúncio. De facto, na China por exemplo, os olhos indicavam energia e inteligência, o nariz simbolizava saúde e a boca personalidade. A assimetria facial era igualmente objecto de estudo. O lado esquerdo era Yang, masculino e paternal, enquanto o lado direito era Yin, feminino e maternal. Uma face simétrica implicava um equilíbrio psicológico (Laudau,1989 citado por Fridlund. A. J.,1994).

Para Pitágoras, Hipócrates e Sócrates o estudo da fisionomia era importante. A Aristóteles atribui-se o primeiro tratado de fisionomia e, antecipando Darwin 2200 anos, recomendava o método comparativo para a compreensão do significado das faces.

Durante a Idade Média a fisionomia foi cosmológica, diferindo da anatomia comparativa de Aristóteles. As linhas da testa por exemplo, tinham o nome dos cinco planetas conhecidos (Laudau,1989).

A Renascença retomou o método comparativo de Aristóteles. Em 1586, Della Porta (in “*De humana physiognomonia*”) interpretou faces e cabeças baseando-se nas suas semelhanças com animais, referindo, detalhada e especificamente, como se podia, com base nos traços fisionómicos faciais, diagnosticar o temperamento.

Johann Caspar Lavater, um pastor suíço protestante do século XVIII foi o mais importante fisionomista e a sua obra, publicada de 1775 a 1778 tornou-se um êxito. O estudo da fisionomia

identificou-se com Lavater e apesar das críticas foi marcante até ao final do século XVIII; com o aparecimento da frenologia de Franz Joseph Gall, acabou por ser incorporado, já que a “leitura da face” se tornou parte integrante para a interpretação do carácter.

No século XIX, as descrições fisionómicas estenderam-se ao estudo da criminalidade e das doenças mentais e o termo “atavismos” (reversões evolutivas) surge como explicativo, quer de certas anomalias genéticas (Síndrome de Dawn), quer de certos comportamentos anti-sociais.

2. Emoções e Expressões Faciais

O tratamento das Expressões Faciais de um modo evolutivo começou com Charles Darwin com a publicação de “Expression of the emotions in man and animals” (1872). Para Darwin, a noção de “expressão” era extremamente geral, um conjunto de sinais faciais que traduziam “estados da mente”. Estes “estados da mente” foram descritos em termos não apenas de emoção, mas também como motivação, comportamento, personalidade, sensações e processos cognitivos.

O desenvolvimento histórico do estudo das expressões faciais iniciou-se com os trabalhos de Heinroth, Whitman e Craig e posteriormente com os de Lorenz, von Frisch, von Holst, Tinbergen, Barrends, Kortlandt, Hinde e outros, todos eles influenciados de um modo ou de outro pelo que os animais fazem diariamente nos seus habitats naturais, pelo trabalho de Darwin em particular e pela Teoria da Evolução em geral (Charlesworth, 1982).

Relacionado com a face e as emoções, o estudo das expressões faciais surge imbuído de longas e controversas questões das quais se salienta a da universalidade das emoções faciais. Consoante o tipo de argumentos utilizado para a afirmação da universalidade ou para a sua negação, assim se valoriza menos ou mais o papel da aprendizagem. Considerando a duas posições extremas, os trabalhos dos últimos anos mostram-se conclusivos para a demonstração da existência de um elemento pancultural na associação do comportamento facial com a emoção (Ekman, 1982).

Relativamente ao que se entende por emoção, a etimologia da palavra sugere uma direcção externa a partir do corpo; emoção significa literalmente “movimento para fora”.

Em 1890, William James apresentou uma hipótese sobre a natureza das emoções, na qual se reduz a emoção a um processo que envolve o corpo, não sendo atribuída quase nenhuma

importância ao processo mental da situação que provoca a emoção. Citado por Damásio (1995), para William James “cada objecto que excita um instinto excita também uma emoção”, não havendo assim necessidade de avaliação da importância dos estímulos para que a acção se exerça.

“A emoção é a combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas disposicionais a esse processo, na sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais” (Damásio, A.R., 1995). Com esta abordagem, Damásio retira da emoção a percepção de todas as mudanças que constituem a resposta emocional; distingue-a de sentimento, cujo implicará a justaposição de imagens e alterações nos processos cognitivos.

Deste modo, a emoção será o conjunto das alterações no estado do corpo associadas a certas imagens mentais que activaram um sistema cerebral específico.

Scherer, K.R. (1994) utilizou uma analogia para a definição de emoção como uma *interface* mediadora entre o *input* ambiental e o *output* comportamental e para Izard (1994) a experiência de uma emoção não requer antecedentes cognitivos, constituintes, ou consequentes.

Não existe porém consenso acerca do que constitui de facto “emoção”. Se podemos afirmar que “emoção” é uma disposição motivacional, genética e adquirida que responde experimentalmente, fisiologicamente e comportamentalmente a certas variáveis internas e externas (Carlson & Hatfield, 1992, citado por Damásio), o problema é que “tudo” é emoção.

À questão fulcral - o que se entende por “emoção” - têm respondido vários investigadores; Izard (1969), revendo a literatura existente, escreveu: “Esta área da experiência emocional e comportamento é uma das mais confusas e indefinidas da psicologia” (citado por Ekman, 1982). A ausência de uma definição clara de emoção apresenta-se como um problema para os investigadores. Assim, quando Ekman utiliza o termo “emoção”, em muitos casos, este abrange vários aspectos do tema.

Para Izard (1991), uma emoção é experienciada como um sentimento que motiva, organiza e orienta a percepção, o pensamento e a acção. Ainda para o mesmo autor, a emoção motiva e actua também como regulador ou filtro dos nossos sentidos. Com definições deste tipo, podemos

concordar com Fridlund (1994) de que a questão básica é , não definir “emoção” mas definir o que não é emoção.

As emoções envolvem padrões de resposta (“patterns of responses”) que têm evoluído para a capacidade de organizar diversos sistemas físicos de resposta eficiente às alterações ambientais. Esta posição - uma versão da teoria evolucionista da emoção - postula diferentes padrões de resposta para cada emoção e implica coerência entre os sistemas comportamentais, fisiológicos e subjectivos (Darwin, 1872/1965; Ekman, 1977, 1992; Levenson, 1988; Plutchik, 1962; Tomkins, 1962 in Rosenberg & Ekman, 1994).

Resultados experimentais constituíram-se como evidências de que existe coerência entre as expressões faciais e as emoções dos próprios indivíduos em momentos específicos (Rosenberg & Ekman, 1994). Foi ainda demonstrado que a mensuração da expressão facial e as emoções específicas apresentadas numa base momentânea originavam uma coerência emocional da resposta, especialmente para os mais intensos eventos emocionais. A fonte desta permanência permanece por identificar, mas os resultados são consistentes com a noção das emoções como respostas correlacionadas (Tomkins, 1962) e, de que isto é válido para as dimensões facial e subjectiva (Rosenberg & Eckman, 1994).

A face é uma das áreas mais sensíveis de exibição da emoção e de intenção, possivelmente até mais do que a voz e a postura. Nos encontros face a face, que ocorrem diariamente, cada indivíduo observa as reacções emocionais dos outros e uma fonte de informação é avaliada. MacArthur & Baron, (1983, in Aronoff et al., 1992), sugerem a existência de um determinismo biológico na reacção à apresentação de expressões faciais particulares, mecanismo esse que controla subjectivamente a acção.

Têm vindo a ser encontradas evidências que suportam a noção de que a percepção facial é um processo independente do conjunto de processos da percepção de padrões (Desimone, 1991 in Prkachin & Prkachin, 1994).

Um dos principais argumentos utilizados para suporte da ideia da existência de um processo específico, resultou dos estudos em que se compararam os efeitos no reconhecimento da inversão de faces e objectos. No geral, estes estudos têm demonstrado que o processamento de faces invertidas é impedido em muito maior grau do que o processamento de objectos sujeitos à

mesma inversão (Hochberg & Galger, 1967; Yin, 1969; Scapinello & Yarmey, 1970 in Prkachin & Prkachin, 1994).

Desde o início do século que os dois tópicos mais relevantes na pesquisa científica relativa às expressões faciais foram os de saber se a face fornece informação exacta sobre a emoção e se os comportamentos faciais relacionados com esta são inatos ou adquiridos (Ekman, 1982). Ekman(1982), considera até à actualidade, três períodos : de 1914 a 1940; de 1940 a 1960 e de 1960 a 1970, neste último retomando-se muitos dos assuntos já sujeitos a investigação no primeiro período, sem que tivessem ocorrido progressos significativos; é também de 1960 a 1970 que houve uma ressurgência do interesse pela face e a emoção, particularmente pela publicação de duas teorias da emoção (Plutchik e Tomkins) e pelo desenvolvimento da semiótica (Sebeok, Hayes e Batesen,1964). Devido à ausência de verdadeiros conceitos e métodos, a pesquisa desenvolvida nestes três períodos não pode ser considerada como particularmente relevante.

Os primeiros trabalhos sobre expressões faciais tiveram início na década de 60 ligados a investigações na área da psicologia social. O quadro teórico para o estudo das expressões faciais foi constituído por Tomkins com a finalidade de saber o que estaria subjacente à personalidade e às emoções na espécie humana. Tomkins (1962-1963) teorizou que certas expressões faciais são sinais de emoções específicas, biologicamente determinadas e universalmente reconhecidas.

Posteriormente, os trabalhos deste autor e McCarter demonstraram que o julgamento das emoções por sujeitos distintos parecia revelar concordância, o que veio a dar o mote aos trabalhos de Ekman e Izard que inicialmente se dedicaram ao apurar da existência, ou não, de transculturalidade no reconhecimento de certas expressões faciais associadas a determinadas emoções. A evidência resultante desse trabalho foi a de que existe, salvo algumas excepções pouco significativas, universalidade de reconhecimento para sete expressões/emoções: Tristeza, Satisfação, Zanga, Medo, Repugnância, Surpresa e Neutra.

De acordo com este amplo ponto de vista (Buck, 1984; Ekman, 1972; Fridlund, Ekman & Oster, 1987; Izard, 1971.), a face é parte da emoção; informação acerca da face é, por consequência, informação directa acerca da emoção específica.

Desta teoria, seguiu-se uma predição: quando o indivíduo testado (o que observa) vê uma expressão facial de uma emoção básica, clara e típica, então, dada a natural proeminência da face, este sinal facial ultrapassará quaisquer expectativas derivadas da informação acerca da situação

que nela é expressa. Esta predição é conhecida como DOMINÂNCIA FACIAL (Carroll e Russell, 1996).

A única exceção à predição da dominância facial parecem ser os casos de decepção. Destes, excluem-se as situações nas quais os indivíduos que observam acreditam que o que expressa está a usar deliberadamente uma expressão facial, de modo a criar uma falsa impressão, tal como acontece no teatro ou numa situação em que as normas de delicadeza ditam que o sorriso deve ser usado para esconder reacções negativas.

Segundo Carroll e Russell (1996) existe uma outra alternativa que difere da de Tomkins (1962-1963) quanto à natureza da informação facial. Na perspectiva destes dois autores, a face não traduz sinais de emoções específicas, mas o observador apreende dois tipos de informação da face, rápida e automaticamente. Primeiro, o observador apercebe uma informação quasi-física, isto é, por exemplo um sorriso é simplesmente reconhecido como um sorriso, e não como um sorriso de alegria, embaraço ou nervosismo. Segundo, baseado em parte na percepção quasi-física, o observador infere dos sentimentos expressos nas dimensões gerais de urbanidade e do que é suscitado (dominância situacional limitada).

Estas duas dimensões descrevem os primitivos e universais aspectos da percepção emocional encontrados em crianças (Bullock & Russell, 1998) e em vários âmbitos culturais e linguísticos.

As expressões faciais humanas têm sido estudadas de diversos modos, no sentido de se apurar o que é que varia e o que é que se mantém constante no reconhecimento das expressões/emoções. Os trabalhos desenvolvidos foram acolhidos com bastante agrado pela Etologia Humana e pela Psicologia do Desenvolvimento, no primeiro caso pelo subjacente ao carácter universal no reconhecimento das expressões humanas poder ser associado a um pré-determinismo biológico presente na espécie humana independentemente da cultura ou civilização.

Historicamente, os etólogos, têm conduzido uma menor pesquisa na área das expressões faciais e a sua investigação têm sido orientada preferencialmente para o aspecto regulativo e não para o expressivo (Eibl-Eibesfeldt, 1975; Ploog, 1970, citados por Charlesworth, 1982). Os psicólogos têm orientado uma relativamente vasta pesquisa das emoções em geral, preferencialmente para o aspecto expressivo (exs: Ekman, Friesen & Ellsworth, 1972; Izard, 1971; Knapp, 1962; Plutchik, 1962 e Tomkins, 1962, 1963).

Alguns resultados experimentais nos anos 30 e 40 confirmaram a noção de Darwin de que as expressões universais das emoções são inatas e não um produto da constante aprendizagem cultural (Eibl-Eibesfeldt, 1972; Goodnough, 1932-1933; Izard, Huebner, Risser, McGinnes & Dougherty, 1980, in Izard, 1990). Nos finais dos anos 60 e inícios dos anos 70, as pesquisas confirmaram a hipótese de Darwin da universalidade das expressões num grupo de emoções básicas (Ekman, Sorenson & Friesen, 1969; Izard, 1971; Izard, 1990). Em parte, em função destas duas ocorrências, a pesquisa das expressões emocionais floresceu e desenvolveu-se nos campos da psicologia e psicofisiologia, abrindo-se áreas de pesquisa nas neurociências (Le Doux, 1987) e psicologia clínica (Barlow, 1988; Sofran & Greenberg, 1988, in Izard, 1990).

As evidências obtidas quanto ao que acontece quando um observador é confrontado com sugestões faciais e situacionais têm servido de suporte à teoria das emoções básicas (Ekman, Friesen & Ellsworth, 1972). Ekman e al. (1972, 1982) fizeram a revisão do trabalho de Landis (1924, 1929) e, recentemente, outros investigadores criticaram toda a pesquisa, sugerindo a existência de um importante papel da informação situacional. Estudos mais recentes (Nakamura, Buck & Kenny, 1990; Wallbott, 1988; Watson, 1972) têm encontrado a esmagadora dominância facial predita pela teoria de Tomkins (1962-1963).

Uma das questões mais importantes relativas às expressões faciais é a do que se pode inferir dessas expressões. Por um lado, existem razões para se acreditar na existência de uma íntima correlação entre emoções particulares e expressões. Por outro, é tendência geral a atribuição de emoções às outras pessoas, com base nas expressões faciais que apresentam. Frijda e Tcherkassof (1997) interrogam acerca de se esta tendência é de facto assim tão geral. Segundo estes dois autores, será a “atribuição” da emoção a melhor maneira de caracterizar o que as pessoas fazem em determinadas circunstâncias. As expressões standarizadas que são reconhecidas pelos experimentadores não o serão porque se força os sujeitos a uma lista de emoções, em que estes não podem responder de um outro modo. Alguma da informação para este tipo de questões adveio das pesquisas realizadas por Fridja (1953), nas quais os sujeitos respondiam livremente.

Segundo o autor citado e colaboradores, as expressões faciais “expressam” o estado individual da acção relacional lida ou não lida. O estado da acção é o próprio conteúdo das expressões faciais e é o que os observadores inferem em primeiro lugar. As expressões “expressam” isso, no sentido de que uma acção expressa a intenção subjacente. Sendo assim, implementam ou efectuam a leitura da acção.

Devido ao facto de o que chamamos “emoções” consistir numa variação de estados individuais de leitura de acção (“action readiness”), podemos dizer que as expressões faciais “expressam” emoções.

As expressões faciais, quando são contingentes com estados de leitura de acção, estão intimamente ligadas às emoções. As emoções são expressas em expressões faciais e estas exprimem-se quando condições adicionais são apropriadas para o estudo da leitura da acção (Frijda, N.H.;Tcherkassof, A. 1997).

Curiosamente, uma perspectiva diferente é a do ponto de vista do comportamento ecológico (“Behavioral Ecology View”), que tem em Fridlund, A. J. o seu máximo expoente. Para este, as expressões faciais não são “lidas” como estados emocionais (“emotional state”); as exhibições envolvem, filogénica e culturalmente, de um modo particular, a resposta a pressões específicas de selecção.

Estes “displays” tem significado apenas nos seus contextos de ocorrência e estão inibidos dos intrínsecos motivos sociais dos próprios contextos. Estes motivos não têm, obrigatoriamente, relação com a emoção, tal como o termo é usualmente utilizado e, na verdade, um conjunto de “emoções” pode ocorrer sem que exista alguma motivação social. As faces isoladamente não são mais nem menos “sociais” do que as exibidas em público, porque os indivíduos têm sempre implícito o social, mesmo quando se encontram sozinhos. Os métodos experimentais que isolam os indivíduos relativamente aos observadores das “expressões emocionais” apenas dissimulam ou disfarçam a sociabilidade que os governa (Fridlund, A,J, 1997).

Parecendo numa primeira abordagem que a perspectiva ecológica comportamental é antagonista da emoção, ela não o é de facto; apenas olha o termo emoção como desnecessário à compreensão de como as nossas expressões faciais estão envolvidas e operam na vida moderna.

Se um número de teóricos da emoção (Ekman, 1971; Izard, 1971; Malatesta, 1982; Tomkins, 1962) têm argumentado que, sobre certas condições, sinais de particulares expressões faciais correspondem a estados emocionais, outros autores como Fridlund (1994), têm mantido que o comportamento facial é melhor concebido como exibição (“displays”) - e não “expressão” - do que como sinal intencional de comportamento ou de motivação social. Neste último ponto de vista, os displays faciais ou “expressões não têm necessariamente relação com as emoções. Porque quer as emoções, quer as intenções, são estados mentais não observáveis com uma relação variável

com acções ; a posição de Fridlund (1994) pode ser tomada como uma relação entre exibição-intenção que substitui a relação expressão-emoção (Izard, C. E. , 1997).

Fridlund (1994) aplicou os conceitos da genética moderna e da teoria evolucionista ao estudo do comportamento emocional. Segundo este autor, a face não pode expressar nenhum estado interno, incluindo o emocional. Assim, as nossas expressões faciais não revelam nada acerca do que sentimos, mas servem de sinal aos outros (num sorriso, por exemplo, podemos não “ler” felicidade mas fazer uma leitura afiliativa). As nossas exhibições faciais são sempre capazes de implicar, do ponto de vista social, a presença de uma audiência (público), mesmo quando realizadas em privado (Rosenberg, 1995).

Fridlund mantém que o comportamento expressivo é melhor compreendido como servindo uma função social comunicativa não havendo portanto necessidade da existência de uma relação directa entre uma expressão e a experiência correspondente; esses sinais de acções intencionais podem desenvolver-se, incluindo a aprendizagem instrumental, imitação, cooperação e convencionalização de reflexos.

Este autor reconhece a mesma ausência de ligação entre os movimentos faciais e a emoção tal como Izard, Fridja e Tcherkassof, mas oferece uma outra perspectiva teórica. Para Fridlund, os movimentos faciais podem ser vistos como sinais que têm evoluído; como sinais de comportamento sujeitos à pressão selectiva, devem poder servir funções que facilitam as interacções entre membros da mesma espécie e mais amplamente com o ambiente. Em particular, têm servido funções sociais, especialmente como indicadores da linha de acção que o organismo está pronto a seguir e deve estar vigilante a esses sinais conspecíficos, de forma a ser capaz de lhes responder (Ginsbur, G.P. , 1997).

Ao serem seleccionados, os comportamentos de sinalização devem ter co-evoluído com a vigilância e atenção para a e em resposta a esses sinais. Para o mesmo autor, nem os conceitos de sentimentos (“feelings”) nem o de “emoção” são necessários à compreensão científica dos comportamentos faciais, e estes são obrigatórios e primordialmente sociais. Este social, está presente, mesmo quando um indivíduo está sozinho; outro está presente psicologicamente, ao que Fridlund denomina de socialidade (“sociality”).

Fridlund partilha com Izard, Fridja e Tcherkassof o sentido da importância da motivação. Quando os últimos autores escrevem sobre a importância motivacional para as emoções (ou estados de leitura), Fridlund refere os motivos sociais e intenções.

De um modo importante, estes autores defendem que os comportamentos faciais não podem ser compreendidos independentemente do contexto da sua ocorrência e das actividades ambientais que com eles se relacionam e nas quais estão inseridos (in Ginsburg, G. P. , 1997).

Contrastando com a ideia inicial de que nascemos com um plano para as expressões faciais das emoções, a posição de Fridlund é contestada por outros autores. Nomeadamente, Izard argumentou que as expressões de emoções podem ser descritas por qualquer das precedentes posições, dependendo do estágio de desenvolvimento individual e da própria habilidade do sujeito na regulação da emoção (Izard, 1977; Izard & Malatesta, 1987; Izard, 1990).

Podemos pois concluir que, na perspectiva da Teoria Diferencial das Emoções (DET), (Izard, 1975), das novas abordagens nos estudos dos padrões faciais, devem verificar-se as condições subjacentes à ocorrência de padrões particulares e não os fazer corresponder a emoções/estados motivacionais, ou motivos sociais ou ainda intenções de acções. Para Izard (1997), é de grande importância a compreensão e o estudo das FUNÇÕES dos padrões faciais no amplo contexto do desenvolvimento da personalidade e manutenção das relações sociais. É de igual importância, para o mesmo autor, abandonar os modelos simplistas e lineares de relações causa-efeito e considerar a existência de processos causais não lineares que caracterizam todos os sistemas orgânicos complexos (Izard, 1995; Lewis, 1995).

Ortony e Turner (1990) argumentam contra os que adaptam o ponto de vista de que as emoções básicas são mutáveis, distinguindo dois modos nos quais a face tem sido utilizada: (a) para descrever elementos que se combinam para formar emoções mais complexas e (b) para definir emoções que se presume terem uma base biológica.

O próprio Ekman (1992), não vê nesta posição a negação da importância dos processos da aprendizagem cultural e social em cada aspecto da emoção, mas salienta que o controlo das expressões, a representação simbólica da experiência emocional, o avaliar das emoções em situações relevantes, as atitudes sobre as nossas próprias emoções e o modo como cada indivíduo as enfrenta, são resultantes da própria evolução.

Ortony e Turner (1990) são explícitos quando assumem que é possível o aparecimento das expressões faciais independentemente das emoções, mas na realidade, este facto não é relevante para a questão da universalidade das expressões faciais da emoção (Ekman, 1992). A questão mais pertinente é a de saber se as expressões faciais que foram identificadas com clareza para cada uma das emoções podem ocorrer sem emoção ou sejam apenas aparências das emoções. Até agora, ninguém registou qualquer evidência sistemática e objectiva de que isso ocorra em qualquer cultura (Ekman, 1992).

Para Ekman, a noção de “exactidão” serve para definir a informação correcta da qualquer natureza obtida no comportamento facial. Propõe quatro fontes de informação básicas, relevantes para o estudo deste problema: saber se as conclusões encontradas são relevantes para o comportamento facial dos indivíduos em geral ou somente para uma classe; se se encontram na maioria dos momentos ou apenas ocasionalmente; se são devidas às circunstâncias; finalmente, se a maioria das pessoas pode observar o comportamento facial ou para isso se requer algo de particular no observador (Ekman, 1982).

O mesmo autor sugere que a face pode, provavelmente, fornecer informação acerca de uma combinação de duas ou mais emoções num dado momento. A existência de combinações requer que na avaliação dos estudos por parte dos observadores seja deixada a opção de transmissão de mais do que uma emoção.

Apesar do número de trabalhos realizados sobre expressões/emoções, incluindo estudos que mostram uma consistente relação expressão/experiência, o papel preciso do comportamento expressivo na experiência da emoção permanece controverso. Tomkins (1962), argumentou que a ocorrência das expressões emocionais naturalmente determina a experiência emocional; por outro lado, Buck (1985) estabeleceu que a expressão é meramente exterior à experiência subjacente e não desempenha um papel causal nos estados internos (in Izard, 1990).

O sucesso da pesquisa das expressões emocionais muito deve ao desenvolvimento das bases anatómicas, objectivos e métodos rigorosos para a sua determinação e quantificação (Ekman & Friesen, 1978; Izard, 1979). Estes sistemas codificados microanalíticos tornaram possível examinar com rigor as relações entre expressões, processos fisiológicos e comportamento (Cohen, Izard & Simons, 1986; Ekman, Levenson & Friesen, 1983 in Izard, 1990).

3. O Paradigma de Goodenough -Tinker e o Programa de Expressão Facial

Em 1931, Goodenough e Tinker publicaram um artigo intitulado “A relativa potência da expressão facial e da descrição verbal de estímulos na avaliação da emoção”. O próprio título assume duas fontes independentes de informação emocional e o seu método tem sido o mais comum e utilizado na pesquisa das relações entre expressão e situação (Fernández-Dols, J. M.; Carroll, J. M., 1997).

Goodenough e Tinker interrogaram observadores na avaliação de qual a emoção que sentiam na hipotética experiência de uma situação descrita (por exemplo, encontrarem um rato morto na cozinha) e, simultaneamente, exibiam uma fotografia na qual se mostrava uma expressão facial (por vezes, com um sorriso). O objectivo era determinar se as avaliações dessa situação de combinação discordante poderiam igualar a mensagem emocional da situação ou a da expressão facial. Examinaram todas as possíveis combinações criadas através de um desenho factorial. Os seus resultados foram equívocos: nem a face, nem o contexto, eram consistentemente dominantes. Contudo, décadas mais tarde, os seus pressupostos metodológicos serviram de guia de pesquisa neste campo.

A abordagem de Goodenough e Tinker (denominada de Paradigma de Goodenough-Tinker), não foi, de imediato, capaz de ter influência nos trabalhos de outros investigadores. Na década de 40, Munn (1940), Hanawalt (1944) e Vinacke (1949), analisaram fotografias imparciais de pessoas em situações reais, no sentido de descobrirem se expressões isoladas das características da face (face sozinha) transmitiam a sua mensagem emocional do mesmo modo que toda a fotografia (face + situação). Nestes trabalhos, a expressão facial e o contexto eram considerados complementares, mais do que fontes de informação competitivas.

Implicações recentes de paradigma de Munn têm consistido em versões visuais da experiência de Goodenough-Tinker, em que, a maior parte das características exploratórias do estudo de Munn foram substituídas por métodos experimentais no sentido de comparar a influência da face versus contexto (Spignesi & Shor, 1981; Wallbott, 1988).

Goldberg (1951), de modo similar, providenciou uma alternativa à abordagem de Goodenough-Tinker. Mostrou aos sujeitos dois pequenos filmes, nos quais as cenas do meio eram diferentes, sugerindo um contexto diferente para a última cena. Porém, lamentavelmente, esta

linha de pesquisa foi apenas replicada uma única vez, num estudo realizado por Wallbott (1988). Mas ambos, Golberg (1951) e Wallbott (1988) descobriram que o contexto influenciava o significado da expressão facial. Também Tagiuri (1969) concluiu que o contexto era uma influência importante na interpretação das expressões faciais, mas enfatizou que seriam necessários mais dados no processamento e integração das peças de informação expressiva e contextual (Fernández-Dols, J.M. ; Carroll, J.M. ,1997).

A abordagem de Tagiuri não teve de facto uma grande importância após o início do Programa de Expressão Facial (“Facial Expression Program”), evidenciando-se o trabalho de autores como Tomkins (1962, 1963), Izard (1971) e Ekman (1972). O programa sublinhou a importância do comportamento facial como uma fonte independente e auto-suficiente da informação emocional.

A subsequente influência do programa nas pesquisas posteriores foi notória, tendo este servido de guia metodológico, mesmo apesar de Ekman e al. (1972) terem considerado o estudo de Goodenough-Tinker como “exemplar e criticado todas as restantes abordagens. De facto, Ekman e al. sugerem uma outra versão do método de Goodenough e Tinker com a existência de um maior número de faces, contextos e observadores.

O Programa de Expressão Facial consiste num conjunto de premissas, teorias e métodos que é difícil de se poder considerar como um todo (Russell, J. A. ; Fernández - Dols, J. M. (1997). Cada investigador nele envolvido apresenta algo de diferente à versão do programa, daí que este se torne rapidamente mais amplo. De qualquer modo, a versão mais heurística pode ser explicitada do seguinte modo:

1. Existe um pequeno número de emoções básicas (não mais que sete ou menos de duas).
2. Cada uma destas emoções é determinada geneticamente, é universal e discreta. Cada uma é altamente coerente com um padrão característico do comportamento facial, distinta de uma experiência consciente (um sentimento). Nesta definição a cognição não é parte da emoção, embora a cognição possa ser uma das causas possíveis de uma emoção)
3. A produção (“encoding”) e reconhecimento/descodificação de expressões faciais distintas constitui um sistema de sinais, os quais se afirmam como uma adaptação evolutiva a

alguns dos maiores problemas da vida. Esta premissa torna possível e demonstra a similaridade de configurações faciais entre espécies.

4. Nenhum estado ausente do próprio sinal facial é uma emoção básica. Além disto, a descoberta de quais os sinais faciais para a mesma emoção promovem a universalidade da lista das emoções básicas. As sete consideradas são felicidade, surpresa, medo, raiva, desprezo, repugnância e tristeza. Há alguma incerteza acerca do desprezo e da distinção entre surpresa e medo.

5 . Todas as outras emoções são subcategorias ou misturas (padrões, ligações, combinações) das emoções básicas. Por exemplo, a ansiedade é uma mistura de medo, tristeza, raiva, vergonha e interesse (e poderá resultar numa ligação facial).

6. As expressões faciais voluntárias podem simular as espontâneas, sendo condicionadas por culturas diferentes, que as podem inibir, exagerar ou mascarar com diferentes expressões.

7. Qualquer expressão facial que se desvie dos sinais universais, quer a nível individual, quer num grupo cultural, é uma mistura de sinais básicos resultante de regras culturais específicas.

8. O estado emocional é revelado pela medição facial.

9. Os sentimentos subjectivos associados com uma emoção são devidos, pelo menos em parte, ao feedback próprio dos movimentos faciais. Esta hipótese do feedback facial tem oferecido meios pelos quais um indivíduo “sabe” qual a emoção que outro está a sentir (e esta resposta tem sido central na psicologia de emoção desde William James).

10. A manipulação deliberada da face numa configuração apropriada cria o padrão neurológico da emoção correspondente. Por exemplo, franzir o nariz cria o padrão neurológico da repugnância. A manipulação facial pode ser usada no laboratório para revelar os sinais fisiológicos de cada emoção.

11. Os sete, (ou mais, ainda que nunca menos de dois), sinais de expressões faciais são facilmente reconhecidos por todos os seres humanos em cada cultura.

12. A capacidade de reconhecer uma emoção numa expressão facial é inata apesar de culturalmente determinada. A capacidade está presente muito cedo, possivelmente já no nascimento.

13. As categorias mentais pelas quais cada reconhecimento ocorre (no próprio como feedback facial e nos outros através de sinais faciais) são geneticamente determinadas mas também culturais. As palavras felicidade, surpresa, medo, raiva, repugnância, desprezo e tristeza designam categorias inatas e universais.

Outras linguagens podem utilizar outros nomes, mas as categorias nomeadas são as mesmas. Estas categorias são semanticamente primitivas e naturais.

14. Tal como “encoding” e “deciding”, o significado (“signal value”) de uma expressão facial é fixada pela natureza e, invariavelmente, sofre alterações segundo o contexto na qual ocorre. Poder-se-á reconhecer uma emoção numa outra expressão facial mesmo quando noutros contextos e comportamentos se origina informação imprecisa. Observadores podem reconhecer a mesma emoção na mesma expressão facial através de um conjunto de modos de apresentação de uma expressão facial. (Russell. J. A. ; Fernández - Dols, J.M., 1997).

Ekman e Izard mostraram-se contra alguns dos anteriores corolários, mas o que parece ser mais controverso é a universalidade das expressões faciais e a natureza da emoção e a sua ligação às faces.

4. A controversa universalidade das expressões faciais

Para muitos autores, o mais convincente e interessante do Programa de Expressão Facial foi a evidência da universalidade da expressão facial da emoção.

Para o estabelecimento desta conclusão requer-se o assumir de três proposições relacionadas:

1. Os mesmos padrões de movimento facial ocorrem em todos os grupos humanos.
2. Observadores em diferentes sociedades atribuem a mesma específica emoção a cada um destes padrões faciais.
3. Estes mesmos padrões faciais são, na verdade, manifestações de muitas dessas emoções em todas as sociedades humanas.

A proposição 1 tem sido amplamente considerada como verdadeira. A proposição 2 tem recebido grande atenção, enquanto a 3 tem sido, curiosamente, ignorada. Independentemente da evidência da necessidade da proposição 3, ela não é, obrigatoriamente, verdadeira mesmo que as duas anteriores proposições o sejam (Russell, J. A. ; Fernández-Dols, J. M. , 1997).

Segundo Izard (1971), o debate acerca da hipótese da universalidade das expressões faciais (IUH) não está centrado exactamente sobre o inato e a universalidade, mas tratar-se-á de uma questão orientada para a universalidade das atribuições semânticas, pois a maior parte dos resultados que inspiram este debate estão na realidade baseados nesse tipo de atribuições.

Izard (1971) elaborou a Teoria Diferencial das Emoções (DET) segundo a qual a personalidade é um supersistema constituído por cinco subsistemas separados e altamente interactivos. As emoções são consideradas como um dos subsistemas da personalidade e, segundo Tomkins (1962), as emoções são vistas como o sistema motivacional primário para o comportamento humano. Além disso, cada emoção discreta foi interpretada como um sistema com distintos componentes interactivos. Embora a DET tenha alterado algo a esta ideia, a essência do conceito de sistemas tem permanecido integral (Izard e al., 1995).

Para o autor da DET, as emoções são construídas como o maior dos subsistemas de um sistema mais geral da personalidade. Estas emoções são discretas e servem como sistema motivacional primário para o comportamento humano. As expressões, incluindo mas não limitadas pelas expressões faciais, constituem um componente do subsistema emocional. São influenciadas geneticamente mas modificáveis, de tal modo que, a experiência pessoal, bem como as convenções específicas culturais são nelas reflectidas. As expressões observadas não são necessariamente componentes da emoção, e não existe nenhuma expressão prototípica para cada emoção básica. Existem, nesse momento, outros elementos, como por exemplo sobrancelhas oblíquas, podendo cada um deles significar uma emoção particular. Existirão igualmente variações na intensidade das emoções (in Ginsburg, G. P., 1997).

Uma atenção considerável é dada por Izard à experiência emocional, cuja é por ele caracterizada como um estado motivacional/um sentimento (“a feeling/motivational state”). Os sentimentos são construídos como uma fonte de expressão facial e também uma consequência da expressão facial.

Izard distingue entre emoções básicas (“core feelings”) que são relativamente poucas e experiências emocionais. As emoções básicas podem seguir-se umas às outras rapidamente, podendo até misturar-se umas com as outras, ou estar associadas com uma infinita variedade de pensamentos, crenças e acções. Dada a diversidade de intensidade, sequências e misturas das emoções básicas e a diversidade de eventos aos quais podem estar associadas, segundo Izard, a variedade de experiências emocionais é infinita; além disto, a congruência entre uma expressão facial e um sentimento não é concordante, dado que os “displays” faciais são frequentemente muito breves e ocorrem como parte daquilo que o mesmo autor denomina de activação emocional (“emotion activation”).

Os comportamentos faciais também não são apenas breves, mostram-se, frequentemente, de reduzida amplitude. O resultado é o de que um indivíduo não conhece, necessariamente, o que está a mostrar ou o que está a sentir. Isto significa que, um indivíduo não é, de facto, uma fonte privilegiada de informação acerca do seu estado emocional, o que torna menos importante as disjunções entre inferir ou conhecer os sentimentos e os comportamentos faciais. Por outro lado, torna difícil a refutação da teoria subjacente.

Izard discute igualmente a universalidade e distingue-a do conteúdo inato; este, ao contrário da universalidade, tem sido mais difícil de investigar (Ginsburg, G.P., 1997).

A expressão facial (tal como a vocal, a corporal e a gestual) é considerada como tendo evoluído, influenciada geneticamente mas altamente modificada e dissociada da componente da emoção. Contudo, Izard chamou à atenção em 1977, “a expressão observada não é vista como uma componente necessária da emoção”.

Na DET, o termo padrão (“pattern”) refere-se a um de dois fenómenos: um conjunto de movimentos que indexam uma emoção discreta ou a um conjunto ou agrupamento de emoções discretas que interagem para a produção de um fenómeno afectivo complexo, como por exemplo a ansiedade e a depressão (Izard & Yongstrom, 1996). A DET propõem igualmente que um número de emoções básicas e estados emocionais não estão limitados ao número de sinais faciais básicos ou universais. Vergonha e culpa, por exemplo, são consideradas emoções básicas, mas não são, de um modo consistente, associadas com um padrão facial (Izard, 1997).

Na controvérsia gerada acerca da universalidade das expressões faciais, Russell e Fernández-Dols (1997) propõem o conceito de Universalidade Minimal (“Minimal Universality”)

como sendo o meio mais parcimonioso de, de acordo com as evidências existentes, saber como são produzidas e interpretadas as expressões faciais. Chamar-lhe minimal significa enfatizar que, pelo menos, muita universalidade parece de facto existir. A questão para os dois autores citados é então a do que poderá ser estabelecido para lá da Universalidade Minimal.

São vários os pressupostos subjacentes ao conceito de Universalidade Minimal. Assim:

1. Certos padrões de movimentos musculares faciais ocorrem em todos os seres humanos.

2. Os movimentos faciais estão coordenados com estados psicológicos (acções, preparações para acções, estados físicos, estados emocionais, estados cognitivos e outras condições psicológicas).

3. A maior parte das pessoas, em qualquer lugar pode inferir algo de um outro estado psicológico de um movimento facial, tal como de qualquer outra coisa que uma pessoa possa fazer.

4. Os indivíduos ocidentais possuem um conjunto de valores (convicções) nos quais, tipos específicos de acções faciais, são expressões de determinados tipos de emoção.

Para lá dos pressupostos anteriores, existem algumas advertências à Universalidade Minimal:

1. As acções faciais não são necessariamente sinais.

2. A acção facial não é necessária ou suficiente para a emoção. A acção facial não está necessariamente mais associada com a emoção do que qualquer outro dos vários estados psicológicos.

3. As interferências que são feitas numa cultura, ou por um indivíduo, não coincidem necessariamente com as interferências realizadas noutra cultura ou por outro indivíduo.

4. Os indivíduos em todas as culturas não têm de assumir as convicções relacionas com as associações específicas das emoções com as acções faciais das culturas ocidentais.

5. As opiniões e pontos de vista ocidentais entre as expressões faciais e as emoções não são necessariamente válidas.

Relativamente à Universalidade Minimal assumem-se três predições:

1ª - Fotografias de movimentos faciais poderão ser associadas com estados psicológicos.

2ª - Os indivíduos fazem inferências com base nos movimentos faciais que estão algumas vezes exactas.

3ª - Entre diferentes culturas deverá existir similaridade do que é inferido dos movimentos faciais (Russell, J. A.; Fernández-Dols, J. M., 1997).

5. Reconhecimento da emoção : A questão do contexto como factor de um sinal na detecção ou reconhecimento emoção-expressão

O conceito subjacente à frase “reconhecimento da emoção” pressupõe que as emoções da face são reconhecidas. No entanto, coloca-se uma questão relevante: como é que os observadores interpretam o comportamento facial.

O método mais comum que é utilizado (palavras correspondentes às poses faciais) retira do estudo o comportamento facial espontâneo do seu contexto actual e não contempla o estudo das respostas não cognitivas dos comportamentos faciais de outros (Russell, 1995). Esta posição é concordante com a de Ekman (1994) e Izard (1994) quando afirmam que o problema da translação é uma potencial fonte de erro que deve ser considerada quando se avaliam resultados.

Para Ekman (1973), os indivíduos utilizam categorias universais quando interpretam faces. Contudo, a observação de diferenças nas palavras que significam emoção em várias línguas, sugere a possibilidade de que as categorias mentais que lhes são subjacentes para as emoções sejam também distintas (Russell, 1995), donde a hipótese de atribuição semântica dever poder ser reformulada em termos de categorias implícitas não rotuladas.

Uma questão se coloca: qual é exactamente o processo que intervém entre a ocorrência de uma expressão facial e um observador da resposta. Russell (1995), interroga se esse processo é percepção, se envolve categorias no seu todo ou se traduz directamente o significado emocional. Para esta questão o mesmo autor sugere o termo “atribuição”, o que não explica a natureza do processo.

Se se considerar um contínuo relativo à universalidade na atribuição das emoções baseado nas expressões faciais, um extremo de 0% de universalidade é implausível; também Ekman ou Izard não defendem 100% de universalidade. Assim, a universalidade é maior que 0% mas menor que 100%, o que pressupõe alguma variação. Nesta contexto, Russell propõe que seja abandonada a posição “universalizante “ (“universality position”) porque não se refere a uma simples proposição, mas a uma extensa família de possibilidades.

Recentemente, Hess, Banse e Kappas (1995), realizaram um estudo em que testaram a hipótese de a intensidade do estado emocional influenciar simultaneamente a intensidade da expressão emocional, incluindo no seu trabalho dois factores adicionais cruciais: relações (amigos e estranhos) entre o que expressa e a audiência (real ou implícita/sugerida) e a intensidade do estado emocional simultâneo (moderado ou elevado). De acordo com os autores referidos os três factores influenciam a expressividade emocional. Como os próprios investigadores argumentam não será útil pensar em termos absolutos no impacto dos três factores investigados - socialização da situação, relação entre o que expressa e a audiência e a intensidade dos estímulos; o que parece ser importante é demonstrar que, quer o estudo afectivo subjacente, quer a relação entre o que expressa e o “outro”, assim como a sociabilidade da situação, são determinantes para a intensidade da expressão, ou seja compreender como as variáveis culturais e sociais interagem com sistemas inatos. Neste contexto, as emoções poderão ser conceptualizadas como sistemas de processamento hierárquico de multicomponentes (Hess, Banse, Kappas, 1995).

Segundo Izard (1996), a questão do contexto na detecção ou reconhecimento de emoção/expressão é de certo modo, uma pseudo questão; o contexto será capaz de afectar a avaliação das expressões emocionais e é importante para o reconhecimento da validade ecológica desta questão.

Quando se avalia expressões faciais num determinada contexto ou cena, deverá existir dois tipos de informação: sugestões emocionais relevantes e sugestões emocionais não relevantes - ou sugestões que variam na dimensão da afectividade. Poderão ser diferenças culturais, bem como diferenças individuais, que ajudam a determinar o significado dos diferentes tipos de informação (Izard, C.E., 1997).

A dominância facial foi crucial para o programa da expressões faciais porque pareceu confirmar que o reconhecimento das emoções através das faces é independente do contexto no

qual essas expressões são produzidas. Esta premissa justificou os estudos efectuados do reconhecimento das emoções a partir das expressões faciais “*in vacuum*”, ou seja, liberto de qualquer contexto (Fernández-Dols, J.M. & Carroll, J.M. , 1997).

Fernández-Dols & Carroll (1997) têm realizado alguns estudos representativos da importância do contexto; ao descrever abordagens alternativas que exploram a natureza do contexto e as suas interacções com as expressões faciais, mostram como a interpretação das expressões faciais depende do contexto e discutem ainda as implicações dessa evidência no estudo das expressões faciais; os mesmos autores, afirmam que por “contexto” pretendem significar os eventos situacionais que envolvem o movimento facial, e utilizam os termos “situação “ e “contexto” em interpenetração.

Tal como qualquer outro comportamento, as expressões faciais estão embebidas no contexto; ocorrem num tempo particular e num lugar específico. Já os etólogos haviam descoberto que as mensagens animais têm um significado específico através do contexto (Hinde, 1982; Smith, 1977).

A maior parte da pesquisa realizada sobre expressões faciais pressupõe que elas têm significado, independentemente do contexto ou, por outras palavras, que o contexto não desempenha nenhum papel essencial no reconhecimento das emoções das expressões faciais. Uma expressão facial específica significa felicidade, surpresa, medo ou qualquer outra coisa, sem que seja relacionada com a ocasião da ocorrência.

Porém, o conhecimento do contexto no reconhecimento das expressões faciais pode levar a resultados diferentes daqueles que seriam encontrados se esse contexto não fosse conhecido; se assim é, a nossa experiência diária põe em causa 65 anos de pesquisa nesta área (Fernández-Dols, J.M. & Carroll, J.M., 1997). De facto, na maior parte da pesquisa acerca das relações entre expressões faciais e o contexto, este foi , sistematicamente, “sub-representado” como capaz de criar uma mensagem emocional.

Por “sub-representado” não se pretende afirmar que o contexto foi artificial, mas admite-se que a validade ecológica da maior parte das experiências é negligenciável; os contextos têm consistido em pequenos textos escritos ou representação gráfica, nos quais cheiros, sons e imagens específicas da situação não apareceram e o tempo da resposta é condensado ou dividido. Para Fernández-Dols & Carroll, expressão e contexto não competem tipicamente e cada um deles não

vincula uma mensagem emocional. Pensam que, de facto, interactuam num complexo e quase desconhecido modo.

No paradigma da pesquisa tradicional, denominado de Goodenough-Tinker, são apresentadas aos sujeitos combinações de informação facial e situacional. Mesmo quando a situação sugeria uma clara e intensa emoção específica (como por exemplo o luto/perca após a morte de uma criança), a informação facial era mais influente na determinação da avaliação do observador. Nenhuma pesquisa, utilizando o procedimento de Goodenough - Tinker encontrou resultados a favor da dominância situacional (Fernández-Dols, Sierra & Ruiz - Belda, 1993; Nakamura e al., 1990).

Segundo Carroll e Russell, esta ausência de provas não é convincente. Em primeiro lugar, Tomkins (1962-1963) e os seus seguidores admitiram que a informação facial é mais influente em muitas circunstâncias. Outra razão do cepticismo daqueles autores resulta do facto de estes estudos típicos conterem problemas técnicos que poderão ter enviesado os resultados no sentido de um favorecimento duma dominância facial. Em primeiro lugar, em cada experiência, o sujeito recebe dois tipos de informação: uma fotografia de uma expressão facial e uma descrição escrita da situação. Assim, face versus situação é confundida com visual versus informação escrita. Talvez o material visual seja mais relevante ou mais facilmente inteligível.

Em segundo lugar, o sujeito é tipicamente forçado a escolher uma emoção de uma lista predeterminada das denominadas emoções básicas (felicidade, surpresa, medo, raiva, desgosto, repugnância ou tristeza). Este formato de escolha forçada não permite ao sujeito outras avaliações da expressão como por exemplo ansiedade, depressão, vergonha, ciúme, frustração, dor ou ainda outras interpretações alternativas.

O problema não é simplesmente o da generalização, mas esta resposta formatada impede o investigador de descobrir que a informação situacional orienta o sujeito para um tipo de avaliação e não para uma lista. Supondo que as faces traduzem emoções básicas, enquanto as situações não as traduzem, (como as de ansiedade, depressão, etc..) então, se assim for, a opção situacional será sistematicamente excluída (Fernández-Dols, Wallbott & Sanchez, 1991).

Em terceiro lugar, este desenho é tipicamente efectuado no “interior” do sujeito. Este encontra exactamente a mesma situação repetida em diferentes ensaios. Quando uma situação idêntica reaparece, a única informação que foi alterada é a face. O pedido implícito ao que

observa, é o de fazer avaliações que são sensíveis à alteração de informação. Nakamura e al. (1990) falaram explicitamente aos indivíduos testados no sentido de esperarem diferentes reacções à mesma situação. Face a estas instruções os observadores variaram cooperativamente os seus julgamentos com as alterações das faces.

Por último, e a mais importante, uma quarta razão. As combinações das situações-face têm sido tipicamente criadas através de um processo factorial. Todas as situações têm sido emparelhadas com todas as faces. Muitas de tais combinações forçam o observador a pensar que uma informação crucial está ausente. O observador pode ser forçado a imaginar mais informação situacional para explicar a reacção facial apresentada. Frijda (1969) havia já feito referência a este problema, mas a sua importância parece ter sido, em geral, ignorada.

Frijda e Tcherkassof (1997) argumentam que as expressões faciais expressam a leitura do acto em relação ao ambiente, e o estado de acção “lido” e inferido (ou reconhecido) pelos observadores ou padrões interactivos da expressão. A condição para a utilização dos termos (conceitos) da emoção no discurso comum é o reconhecimento de leitura de estados de acção ou variações desses estados, e as expressões faciais expressam o que é referido no discurso normal das emoções. Este ponto é extremamente importante porque concentra a atenção, não na relação entre padrões de comportamento facial e emoções, mas entre padrões faciais e condições subjacentes, nas quais as palavras das emoções são legitimadas e compreendidas quando utilizadas normalmente (Ginsburg, G.P., 1997). Frijda e Tcherkassof partilham com Russell e Fernández-Dols o reconhecimento da importância da percepção das expressões faciais e da detecção do seu significado pelos que a apercebem.

Quando a informação situacional é obviamente inconsistente com a informação facial, o sujeito que observa deve imaginar mais informação situacional para explicar as feições visíveis e apreendidas na face. Carroll e Russell (1997) interpretam que o observador imagina uma informação situacional para explicar as feições quasi-físicas. O problema metodológico é o de, quando a face e a situação são inconsistentes nestas matérias, a situação imaginada, em lugar da situação existente, é a que é psicologicamente real para os observadores e é a que estes utilizarão para determinarem os seus juízos na avaliação emocional. Se a perspectiva alternativa de Carroll e Russell é válida, então será possível especificar certas combinações face-situação nas quais a informação situacional realmente domine na escolha de uma emoção específica, para lá da natural

proeminência da informação facial e mesmo quando a face mostra e evidencia as denominadas “expressões faciais de emoções básicas”.

A recomendação fundamental de Ekman e al. foi a de que, colocando expressões contra contextos, os investigadores deveriam ter a certeza de que ambas as fontes vinculavam uma cara e intensa emoção. Isto parece ser um modo de selecção de ambos os estímulos. Se o contexto e expressão competem para a percepção na avaliação emocional, qual é então o critério para decidir que um é melhor do que o outro ?

Infelizmente, a fonte de clareza (“clarity”) aponta para outra muito mais importante fonte de iniquidade entre expressão e contexto: a sua natureza radicalmente diferente. Não existe, na verdade, garantias de que a face e o contexto tenham igual clareza. Além do mais, o que pode ser conveniente para a selecção de faces pode não o ser para a selecção de situações (Fernández-Dols & Carroll, 1997).

Duas linhas de pesquisa expõem limitações ao paradigma de Goodenough-Tinker. A primeira diz respeito ao que torna um contexto “claro” e, neste âmbito de pesquisa, mantém-se o pressuposto da independência entre a expressão facial e o contexto. A segunda linha de investigação, examina este pressuposto, sugerindo que a relação entre expressões e contextos não é exactamente uma confrontação entre fontes de igual clareza, mas, como os mais antigos investigadores haviam sugerido, um processo interactivo mais complexo relacionado com outros subfactores, tal como a susceptibilidade de reinterpretação de cada uma das fontes. Em ambas as linhas de investigação, modificações mínimas no paradigma de Goodenough-Tinker produzem resultados inesperados (Fernández-Dols & Carroll, 1997).

6. A perspectiva dimensional-contextual na percepção da emoção nas expressões faciais

Russell (1997) interroga: o que é que acontece quando um indivíduo “vê” tristeza, felicidade ou qualquer outra emoção na face de outro. Os indivíduos lêem a emoção na face do outro baseados no contexto envolvente. Ou lêem, biologicamente, as emoções através de sinais da face. Como é que as duas perspectivas podem ser conciliadas ?

Fernández-Dols e colaboradores sugerem que a face e o contexto são, na verdade, fontes de informação dissimilares. A hipótese de Fernández-Dols, Wallbott e Sanchez (1991) postula que a usual dominância das expressões faciais encontradas pelo paradigma de Goodenough-Tinker pode ser um artefacto de diferentes modos de apresentação utilizado nessas experiências. As emoções podem ser uma categoria mais acessível para os desenhos/retratos das faces do que para as descrições escritas das situações. Se assim é, avaliações de combinações das duas fontes de informação, poderão ser enviesadas através de uma fonte visual. E, de facto, treino e exercício na categorização de informação situacional em termos de emoção (“raiva”, “tristeza”, etc.) aumentam a influência da informação contextual.

Fernández-Dols, Sierra e Ruiz-Belda (1991) descobriram que o tempo requerido para categorizar situações em termos de emoção variava através das situações: os textos que descreviam *situações mais invulgares* requeriam *menos* tempo. Se assumirmos que, a categorização das faces é rápida, esta descoberta sugere que a acessibilidade a uma categoria emocional pode ser o factor-chave na avaliação das combinações face-contexto e na dominância da face. Os três autores referidos sugerem um critério alternativo para a selecção do estímulo contextual (1993), Seleccionaram contextos que descreviam situações sociais altamente prototípicas, embora invulgares. Empiricamente, os contextos assim seleccionados, descobriram-se capazes de ser tão influentes como a informação facial na avaliação de combinações discordantes.

Num outro estudo, utilizando o paradigma de Goodenough-Tinker, Carrera e Fernández-Dols (1994), mostraram que a dominância facial não era devida ao conteúdo emocional da face. A sua hipótese era a de que, expressões faciais que não possuíam conteúdo, poderiam também ser dominantes. Replicando os estudos anteriormente efectuados por Frijda (1969) e Watson (1972), descobriram que expressões neutras (isto é, aquelas faces em que o conteúdo emocional está ausente quando avaliadas isoladamente), eram, pelo menos, tão dominantes sobre a informação situacional, como expressões claras e tipicamente intensas. Os sujeitos tendem a ignorar a mensagem emocional da situação e criam a combinação em termos de neutralidade de uma expressão facial sem emoção.

Em conjunto, todas estas descobertas sugerem que a usual dominância da expressão facial sobre o contexto no paradigma de Goodenough-Tinker não era devida à natureza da expressão

facial, mas antes aos artefactos experimentais relacionados com a selecção de estímulos (Fernández-Dols e Carroll, 1997).

Segundo Russell (1997), a face não sinaliza emoções específicas, mas os observadores devem inferir muito acerca do que é expresso da face e que é relevante para a emoção. O observador fácil e automaticamente obtém dois tipos de informação:

1º - Uma informação não emocional, (quasi-física) da face; o observador vê o que aquele que expressa faz .

2º - O observador avalia a expressão a um nível de prazer (agradável versus desagradável) e ao nível do que foi suscitado (desperto versus adormecido).

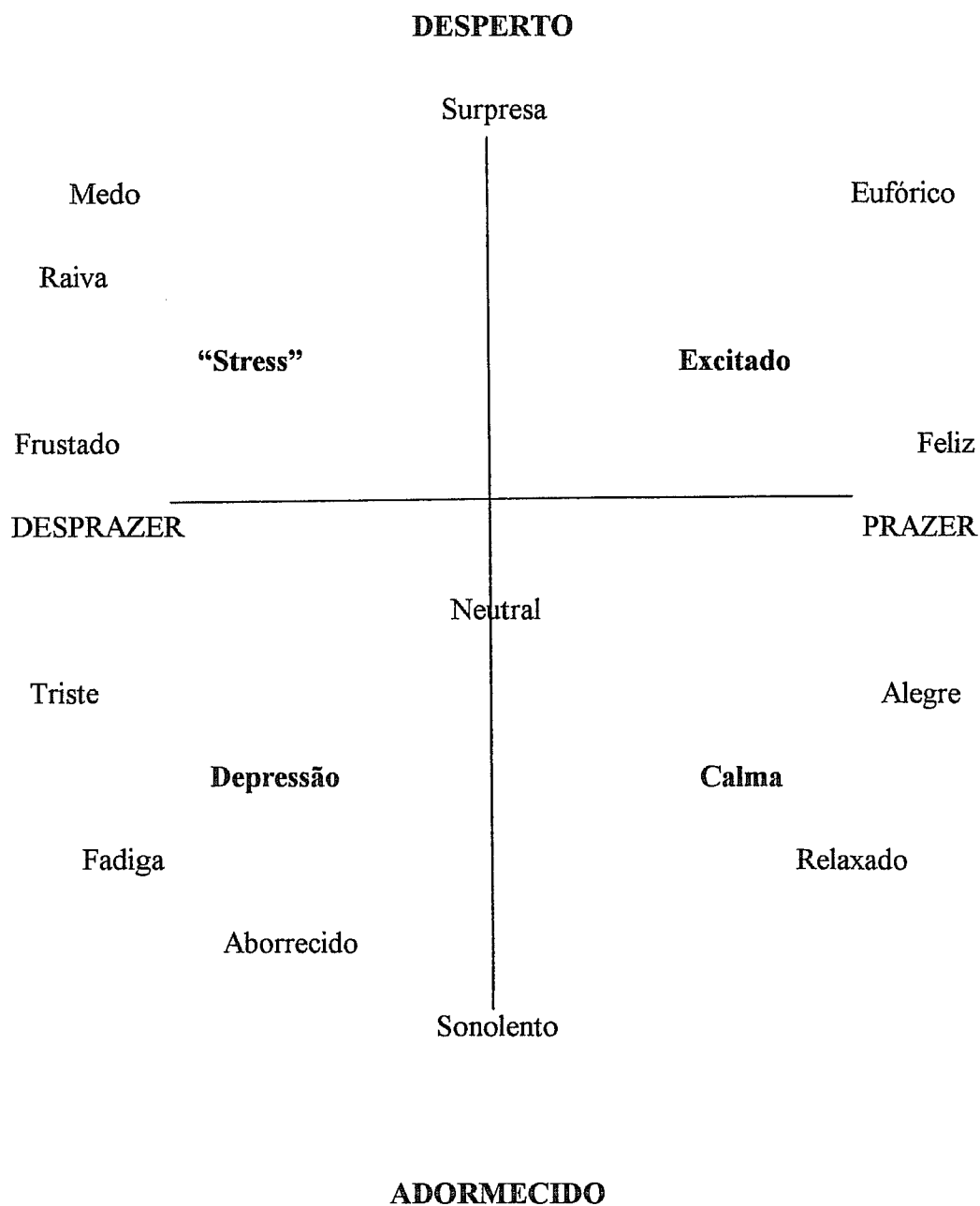
Avaliações acerca de ocorrências e acontecimentos quasi-físicos e sobre algo agradável e suscitado são feitas rápida e automaticamente por todos os seres humanos, qualquer que seja a sua cultura ou linguagem. Esta informação primária, combinada com a informação situacional ou outra qualquer que aquele que expressa vincula, determina qual, (se é que existe), a emoção específica que o observador possa e/ou deva atribuir (Russell, J. A. , 1997).

Para Russell (1997) “agradável” e “desperto” (“pleasure” e “arousal”) descrevem um espaço de avaliação psicológica (“psychological judgment space”). Tal como em todos os estímulos, o observador tem de o ter sentido. Quando as duas dimensões - “pleasure” e “arousal” - são tratadas como eixos de um espaço cartesiano, apresentam-se como um campo de avaliação para os sentimentos afectivos.

Estas duas dimensões descrevem aspectos primitivos e universais da percepção pessoal encontrados em diferentes culturas e linguagens (Russell, 1991). Se o “agradável” e “desagradável” estão relacionados com a evolução e actividade semântica diferencial (Osgood, 1996) então, a universalidade destas dimensões está firmemente estabelecida.

“Pleasure” e “Arousal” são dimensões que podem ser encontradas no estudo das expressões faciais (Adolphs, Tranel, Damasio & Damasio, 1994, 1995; Kring & Sloan, 1991; Manstead & Edwards, 1992; Russell & Bullock, 1986; Russell & Fehr, 1987).

Figura : “A Pleasure-Arousal judgment space for affective feelings” –(adaptado de Russell, J.A., 1997)



(A dimensão “desprazer” e “prazer” é bipolar, no mesmo sentido em que, a maior parte das dimensões perceptuais o são)

O ponto neutral é estabelecido como o da tendência central ou nível de adaptação (Helson, 1964).

Qualquer estímulo - faces, palavras, tons de voz, posturas, situações de emoção elícita, acções - pode ser colocado no espaço de “agradável-desagradável”, no sentido de terem um valor passível de ser atribuído. Tal como todas as avaliações perceptuais, a colocação no espaço não é absoluta, mas sim relativa; a mesma face pode aparecer “feliz” como uma extensão da expressão de “tristeza” e a “triste” como um prolongamento da expressão “feliz” (Russell & Fehr, 1987; Russell, 1991). Isto não significa que, qualquer estímulo facial possa ter determinado valor, mas antes ser capaz de se compreender que as expressões faciais não surgem com um valor único.

Segundo Russell (1997) a perspectiva é dimensional, no sentido em que as dimensões são básicas e as categorias são secundárias ou derivadas.

As dimensões são automáticas, elementares (não podem ser decompostas) e universais; as categorias da emoção requerem esforço, são complexas (podem ser analisadas em conteúdos) e são, de algum modo, variáveis com a linguagem e a cultura (Russell, 1991 ; Wierzbicka, 1992). As dimensões são fundamentais, sendo pressupostas por categorias tais como as de “raiva” ou “medo”. Categorias como estas não são fundamentais, mas dependem à priori da percepção das dimensões (Russell & Bullock, 1986).

A versão específica do modelo bi-dimensional utilizado por Russell é conhecido como um “CIRCUMPLEX”, em que as categorias de emoções e estados emocionais relacionados se circunscrevem numa ordem circular em redor do perímetro do espaço cartesiano. Deste modo, o “CIRCUNPLEX” específica a similaridade entre qualquer das duas categorias emocionais.

Quando observadores avaliam combinações de fontes de informação faciais e de contexto, como no paradigma de Goodenough-Tinker, os investigadores têm assumido que o observador “tentará inferir separadamente uma emoção de um indivíduo (expressão facial) e a informação contextual” (Wallbott, 1988; Frijda, 1969). Assim, para fontes de informação concordantes, ambas as fontes indicam a mesma emoção e o observador infere uma só emoção.

Nos estudos em que se trata de combinações discordantes, Wallbott (1988), descreveu algumas estratégias possíveis que o observador pode utilizar. O observador pode criar a lista possível de significados emocionais para cada fonte ordenada decrescentemente; poderá então comparar essa lista com a emoção mais provável. Em alternativa, os observadores podem não “olhar” a expressão facial pela inferência de que o indivíduo está a mascarar ou a esconder a

verdadeira emoção, ou observador pode não atender ao contexto informacional, inferindo que o indivíduo respondeu atipicamente ou inapropriadamente ao contexto fornecido.

Fernández-Dols e Carroll (1997), apresentam uma alternativa. Os observadores poderão integrar a informação cedida antes de categorizarem qualquer das emoções, em lugar de avaliarem cada uma das fontes isoladamente. Carroll e Russell (1996), propõem algumas evidências preliminares para este processo integrativo. Por exemplo, numa determinada condição, foi mostrada aos observadores uma expressão facial tipicamente reconhecida como “raiva” e lida uma história intencionalmente capaz de sugerir “perplexidade”; à parte ocasionais interpretações de “repugnância”, os observadores registaram que a expressão traduzia perplexidade, mais frequentemente do que quando só consideravam o contexto.

As duas fontes discordantes de informação, quando combinadas, resultaram numa única avaliação consensual. O processo de integração, contudo, pode apenas ser possível se a face e o contexto se considerarem subjectivamente associados (Fernández-Dols, J. M. ; Carroll, J. M. , 1997).

Se um observador está, de facto, tentando integrar as duas fontes de informação, então o grau de interpretação para uma das fontes é influenciado pela outra, o que se pode considerar como fulcral. Fernández-Dols e Carroll (1997), introduzem o termo “vulnerabilidade para a reinterpretação” (“vulnerability to reinterpretation”) para referir a extensão de qual das fontes de interpretação se altera quando se apresenta a segunda.

Explicitando, no exemplo anteriormente citado, o estímulo facial, que é tipicamente avaliado como “raiva” quando apresentado isoladamente, foi interpretado de modo diferente, quando inserido num contexto particular. Dependendo de extractos específicos de informação, uma fonte pode ser mais fortemente interpretada como consistente quando existe uma segunda fonte - o que parece reflectir a dominância de uma fonte de informação sobre a outra.

Os estudos efectuados por Carroll e Russell (1996), sugerem que uma diminuição na vulnerabilidade de reinterpretação da informação contextual, reverte para a dominância facial encontrada nas replicações efectuadas do paradigma de Goodenough-Tinker. Os resultados destes dois investigadores, mostram mais do que apenas a existência da dominância do contexto; num estudo que realizaram, foram capazes de demonstrarem que certas combinações da face e do contexto resultaram em avaliações de cada fonte quando separada da outra. Os seus resultados

sugerem que as fontes de informação facial e contextual não são utilizadas separadamente na percepção da emoção, isto é, são integradas. Daí que, as pesquisas futuras a serem realizadas neste campo, deverão ter em conta os seguintes aspectos: uma melhor descrição do contexto; um procedimento mais ecológico; novas abordagens da variável dependente e no processamento da informação expressiva e contextual (Fernández-Dols, J. M.; Carroll, J. M., 1997).

7. Métodos para o estudo do comportamento facial

Consoante os tipos de questão formulados existem diferentes métodos que se podem utilizar, sendo o mais comum os estudos de avaliação (“Judgment studies”).

Os investigadores do comportamento facial utilizam os estudos de avaliação para as questões relativas à informação vinculada pela expressão facial - questões acerca de como os indivíduos, a partir do comportamento/expressão facial, inferem estados característicos, ou ainda quando existem mensagens verbais que a ela estão ligadas.

Ekman e al. (1972/1982), examinou a questão de quando é possível obterem-se conclusões acerca dos componentes do comportamento facial derivados dos estudos de avaliação. Normalmente as respostas às questões destes estudos podem ser inferidas somente quando o estudo de avaliação produz resultados que mostram exactidão.

Os estudos da avaliação são fundamentalmente de dois tipos:

1º - Os que envolvem categorias de avaliação (“category judgments”) e que podem ser subdivididos dependendo das categorias originais. Frequentemente, nestes casos, os avaliadores dão uma pequena lista de categorias de resposta, as quais podem ser baseadas em considerações teóricas (ex. Ekman, 1972; Izard, 1971) ou derivarem de termos usualmente utilizados pelos sujeitos (ex. Wagner, 1990) Esta abordagem é conhecida pela designação de MÉTODO DA ESCOLHA FORÇADA (“FORCED-CHOICE METHOD”). O avaliador mostra uma série de estímulos, normalmente um de cada vez, e tenta-se associar cada estímulo a (regra geral) uma categoria simples de resposta (isto é, apenas uma resposta é escolhida) dos que são providenciados. Uma categoria “neutra” ou “não sei” é por vezes permitida. Menos frequentemente é utilizado o MÉTODO DA ESCOLHA LIVRE, no qual o investigador permite

escolher livremente, embora essa liberdade possa ser constrangida pelo facto de se dizer qual o tipo de assunto que é requerido (por exemplo: emocional) (Izard, 1971; Russell, 1991).

2º - O outro tipo é o MÉTODO DE AVALIAÇÃO (“RATING METHOD”); neste caso, de um número de propriedades que é mostrada, classifica-se o estímulo (faces) (Schlosberg, 1954). Uma vez mais, as propriedades avaliadas são normalmente providenciadas pelo investigador com base em noções teóricas.

Para Ekman, Friesen e Ellsworth (1972/1982), a escolha entre o método de categoria e o de avaliação (“category and rating methods”) é determinada pelo que está subjacente a duas distintas perspectivas teóricas que permitem informação disponível na face.

As avaliações de categoria são utilizadas pelos que postulam um conjunto de emoções primárias distintas, muitas vezes para identificar a única (e universal) acção facial associada com cada emoção (Izard, 1971; Woodworth, 1938).

Os métodos de avaliação (“rating methods”), chamados métodos dimensionais (“dimensional methods”), são utilizados pelos teóricos que postulam que categorias emocionais (e comportamento facial) podem ser descritas pela variação num pequeno número de dimensões independentes (Osgood, 1966; Schlosberg, 1954).

As duas posições teóricas não se excluem mutuamente. É possível que para um teórico possa existir um conjunto de emoções básicas e fundamentais e possam descritas por um pequeno número de dimensões (por exemplo, Fridja, 1969; Wagner, H. L., 1997).

Ekman e al. (1972/1982) propõem um conjunto de normas para serem seguidas nos estudos de avaliação e medição, as quais têm providenciado elevada informação. Contudo, após aproximadamente 25 anos desde o seu aparecimento, importa reconsiderar as suas prescrições. Descrições metodológicas posteriores têm sido relatadas por Rosenthal (1982/1987), em particular no que concerne aos conteúdos estatísticos. Muitos das normas de Ekman e al. são senso comum, ou experimentais, mas onde se tornam mais específicas é no facto de se aplicarem apenas a algumas questões do comportamento facial (Wagner, 1997).

Em particular, propõe-se normas que parecem ter sido derivados duma concentração na utilização de estudos de avaliação relacionados com questões do primeiro tipo. Além disso, não são todas directamente relevantes para as questões relativas à ocorrência natural do

comportamento facial; o que não significa que essas normas estejam erradas. Estes autores prestaram o maior contributo neste campo de pesquisa.

Segundo Wagner (1997), importa examinar essas normas e verificar como é que podem ser aplicadas mais genericamente, ou seja, reexaminar a metodologia dos estudos de avaliação.

Para Ekman e al. existem vários requisitos:

1 - Deve existir alguma base de exigência relativamente às circunstâncias que têm relevância para a emoção.

2 - Deverá existir algum modo de determinar quando a emoção é espontânea ou estimulada quando estão na base de critérios para a sua utilização, quer como comportamento, quer nos estudos de avaliação.

3 - Deve ser obtido um claro registo se os componentes cruciais são mensuráveis ou evidentes para os observadores.

Os dois primeiros requisitos são óbvios. Se examinarmos a avaliação do comportamento facial relacionado com a emoção, dever-se-á ser claramente capaz de determinar que ela se relaciona com emoções.

A amostra de emoções é um dos mais sérios problemas que envolvem os estudos de avaliação. Tal como o próprio Ekman afirmou, uma excessiva ou deficitária representação de alguma emoção num simples comportamento facial, pode seriamente enviesar os estudos, quer dos componentes, quer da avaliação.

O pressuposto básico que se recomenda é o de que “quanto mais emoções foram mostradas, maior a generalidade”; porém, uma vez mais, é uma sugestão não compatível com muitas das questões de pesquisa (Wagner, H. L., 1997).

Amostras de palavras, categorias ou dimensões de emoções é um conteúdo chave na aplicação dos estudos de avaliação. Ekman e al. recomendam a utilização de um vocabulário de emoções pré-seleccionado a utilizar na avaliação. A evidência da universalidade de certos comportamentos faciais é frequentemente citada como indicador de categorias básicas ou primárias da emoção. Assim, estudos sobre a universalidade são exactamente o tipo de estudo que deverá impedir a limitativa metodologia da “escolha-forçada”.

Quanto ao método de registo, Ekman e al. sugerem que, em circunstâncias espontâneas induzidas, as fotografias podem mutilar o comportamento natural; daí a utilização de FACS, parece ter vantagens como capacidade de produzir estímulos, comparativamente às fotografias ou registos vídeo.

Russell (1994) chamou a atenção para a apresentação do(s) estímulo(s), embora o próprio Ekman o tivesse igualmente considerado. O princípio subjacente é que todos os juízos (avaliações) são relativos.

A maior parte dos estudos de avaliação do comportamento facial, utilizaram desenhos experimentais em que, os estímulos apresentados, se inseriam num contexto de outros conjuntos de estímulos e as respostas dadas e “realizadas” em contextos que já tinham sido sugeridos. Russell citou um número de estudos que têm demonstrado tais efeitos de contexto em estudos de avaliação do comportamento facial.

Dos anteriormente citados métodos de pesquisa utilizados no estudo do comportamento/expressões faciais, podemos concluir que, em cada caso estudado, importa obter uma medida de exactidão e orientá-la em relação a níveis de reconhecimento que se espera encontrar. Se o estudo concerne à questão da informação disponível pela expressão facial, terá de ser utilizado um método de avaliação. O método a utilizar deverá considerar uma lista de requisitos, que será sempre restritiva, para o estudo em causa, mais o que importa salientar é que o método seleccionado deverá ser apropriado à questão a ser estudada.

III - Método, Material e Procedimento

Estudo

O estudo realizado, com base no trabalho realizado por Carroll, J.M. e Russell, J.A. (1996) - *“Do Facial Expressions Signal Specific Emotions ? Judging Emotion From the Face in Context”* -, consistiu num ensaio, no qual os indivíduos foram sujeitos a várias combinações face-situação que, se a perspectiva de Carroll e Russell é válida, tornaria possível especificar certas combinações face-situação (expressão facial/contexto) nas quais a informação situacional seria dominante na escolha de uma emoção específica, para lá da natural proeminência da informação facial, mesmo quando as faces mostram e evidenciam as denominadas “expressões faciais de emoções básicas”.

Foi utilizado o desenho experimental de Goodenough-Tinker, que não mostrou a existência de predomínio de dominância situacional, que era a hipótese para os casos que se apresentaram, de acordo com a literatura existente.

Aos observadores foi apresentada, por escrito, uma pequena história que relatava uma determinada situação e depois mostrado o diapositivo, em que é suposto o indivíduo representado mostrar uma expressão facial correspondente a uma emoção básica. Quando avaliadas independentemente, a história e a face sugerem diferentes emoções.

Foram utilizadas figuras capazes de traduzir as expressões faciais universais, como as fotografias publicadas por Ekman e seus colaboradores.

A variável dependente foi o formato de escolha forçada. Assim, em muitos aspectos, foi utilizado o método específico destes estudos.

As modificações introduzidas estavam de acordo com a hipótese alternativa, que, para que seja viável, terá de ser demonstrada com evidência de uma clara dominância situacional.

Criaram-se 3 condições “situação-face”: uma situação de raiva com uma face de “medo”; uma situação de medo com uma face de “raiva” e uma situação de repugnância com uma face de “tristeza”. As faces de “medo” e “raiva” eram diferentes, enquanto foi utilizada a mesma expressão facial de “tristeza” para as duas situações de repugnância.

Para cada uma das situações foram analisados 2 exemplos, tendo existido 6 grupos experimentais na totalidade. Cada um dos grupos experimentais avaliou duas histórias que descreviam a mesma situação com duas faces que expressavam a mesma emoção, embora as situações fossem discordantes das emoções das faces.

Método

Participantes

Os observadores participantes foram 250 estudantes do Ensino Secundário (10º e 11º Anos) da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa.

Dos 250 alunos, 150 analisaram os emparelhamentos “situação-face”, 50 constituíram o grupo de controlo para avaliação das faces e 50 para a avaliação das situações.

Expressões Faciais

Foram utilizadas as da colecção publicada por Matsumoto e Ekman (1988) e Ekman e Friesen (1976). Seleccionaram-se 2 expressões faciais que expressam “raiva”, 2 para “medo” e uma para “tristeza”, tendo o critério utilizado para a escolha o de estas expressões faciais mostrarem os maiores índices de concordância no estudo original de Ekman (da colecção os diapositivos correspondem aos números 79 e 88 - “Medo”; 106 e 96 - “Raiva” e 86 -Tristeza”).

Situações

As situações foram descritas em 6 pequenas histórias adaptadas do trabalho de Carroll, J. M. e Russell, J. A. (1996). Cada história sugeria uma emoção básica e foi elaborada para

emparelhar com uma específica expressão facial. As histórias foram categorizadas pela emoção que se pretendeu que vinculassem, e encontram-se em anexo neste trabalho. .

Procedimento

Condições Experimentais:

Os participantes foram testados nas turmas a que pertenciam numa sessão de duração aproximada de 10 minutos. .

A cada participante foram apresentada seis combinações “situação-face”. Cada participante leu a história e seguidamente foi apresentado o estímulo da face , utilizando um projector de diapositivos. Foi concedido o tempo de 15 segundos para responderem a cada imagem, imediatamente a seguir a o experimentador ter questionado “Qual a emoção que esta mulher (homem) sente ?”. .

Os estudantes seleccionaram cada resposta de uma lista de 6 palavras relativas a emoção, segundo a seguinte ordem: felicidade, raiva, tristeza, surpresa, medo e repugnância; a sua escolha foi assinalada com um círculo para a que “melhor descreve como o indivíduo está a sentir”(o questionário de respostas encontra-se em anexo). .

Grupo de Controlo:

O procedimento utilizado para o grupo de controlo foi idêntico ao do grupo experimental, excepto o facto de, os participantes (50) classificarem todas as 5 expressões faciais e todas as 6 histórias (50). Os alunos que classificaram as histórias foram diferentes dos que classificaram as expressões faciais. .

Os participantes classificaram primeiro as faces, cada uma delas apresentada separadamente e de modo aleatório e o mesmo número de vezes durante 15 segundos. As histórias foram lidas pelos participantes numa ordem determinada, sempre do mesmo modo e durante igual tempo. .

IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As três condições

As frequências escolhidas nas várias categorias das emoções (por comparação com o grupo experimental) nas condições de "face", "situação", e (pelos grupos experimentais de Carroll & Russell) na condição "face/situação" são mostradas na Tabela 1. As normas originais do estudo de Ekman e Friesen (1976) ou Matsumoto e Ekman (1988) para cada expressão facial estão igualmente representadas na Tabela 1.

O resultados do estudo similar efectuado na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (ES. MA.) estão referidos na Tabela 2

Os resultados obtidos no estudo de Carroll & Russell (1996) e nos deste estudo, estão representados na Tabela 3. Verifica-se diferenças encontradas em ambos os resultados; a opção "modal" foi escolhida 80% das vezes na condição "face", 87% na condição "situação" e apenas 46% na condição "face/situação".

Para todas as cinco expressões faciais visualizadas, e para todas as seis histórias, a categoria "modal" foi antecipada; com estes resultados como justificação, considerou-se a categoria predita para cada fonte como a que poderá indicar a sua influência na avaliação de cada uma das combinações "face/situação".

Tabela 1
 Percentagem das escolhas nas três condições - Carroll & Russell (1996)

	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)
Felicidade	0	0	0	0		0	0	0
Raiva	0	4	100	76		0	84	60
Tristeza	4	0	0	0		0	0	4
Surpresa	4	48	0	20		8	0	20
Medo	88	44	0	4	76	88	0	0
Repugnância	4	4	0	0		4	16	16
	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)
Felicidade	0	0	0	0		0	0	0
Raiva	76	44	0	4	85	88	0	32
Tristeza	0	0	0	0		0	0	0
Surpresa	3	16	0	16		8	0	0
Medo	15	12	100	76		0	100	56
Repugnância	6	28	0	4		4	0	12
	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)
Felicidade		0	0	0		0	0	0
Raiva		0	0	0		0	4	16
Tristeza	89	92	0	8	89	92	4	20
Surpresa		4	4	0		4	0	0
Medo		4	4	4		4	0	0
Repugnância		0	88	88			92	64

Tabela 2

Percentagem das escolhas nas três condições – ES Maria Amália

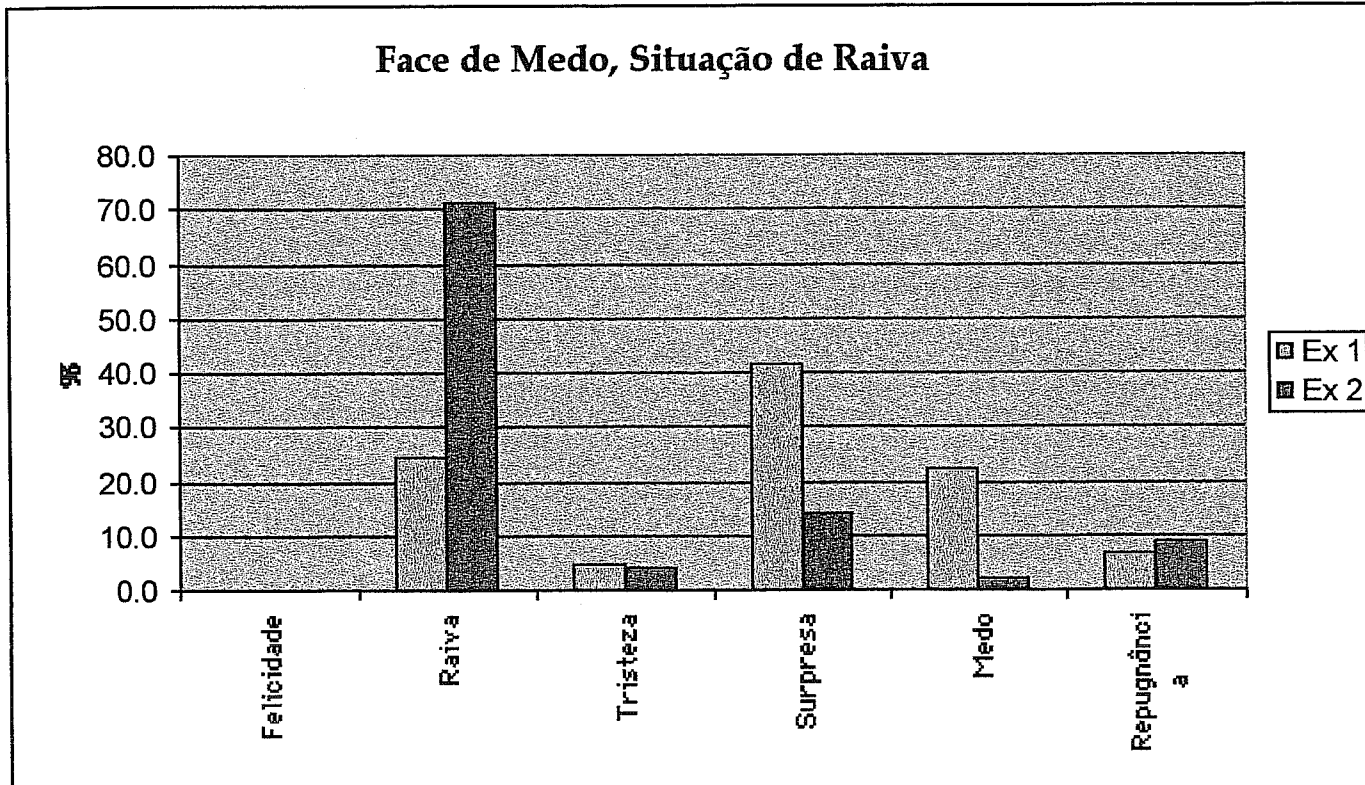
1	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)
Felicidade	0	0	0	0		0	0	0
Raiva	0	0	88	24		0	78	71
Tristeza	4	0	6	5		0	6	3
Surpresa	4	34	0	42		6	6	14
Medo	88	66	0	22	76	68	0	2
Repugnância	4	0	6	7		26	10	10
	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)
Felicidade	0	0	0	0		0	0	0
Raiva	76	76	0	55	85	72	0	40
Tristeza	0	0	0	0		6	12	7
Surpresa	3	4	2	11		0	4	1
Medo	15	0	98	21		0	84	39
Repugnância	6	20	0	13		22	0	13
	Norma	F(50)	S(50) ₁	F+S(150)	Norma	F(50)	S(50)	F+S(150)
Felicidade		0	6	0		0	0	0
Raiva		0	0	0		0	16	5
Tristeza	89	100	0	33	89	100	2	35
Surpresa		0	0	1		0	2	1
Medo		0	0	3		0	2	0
Repugnância		0	94	63		0	78	59

Tabela 3

Percentagem das escolhas da opção "modal" nas três condições - (Carroll & Russell) e ES.MA.

Opção Modal	C & R	ES MA
Face:	69%	80%
Situação	94%	87%
F+S:	70%	46%

Gráfico I: Percentagem de respostas escolhidas nas categorias emocionais para a primeira condição, emparelhamento de Face Medo com Situação Raiva, nos dois exemplos

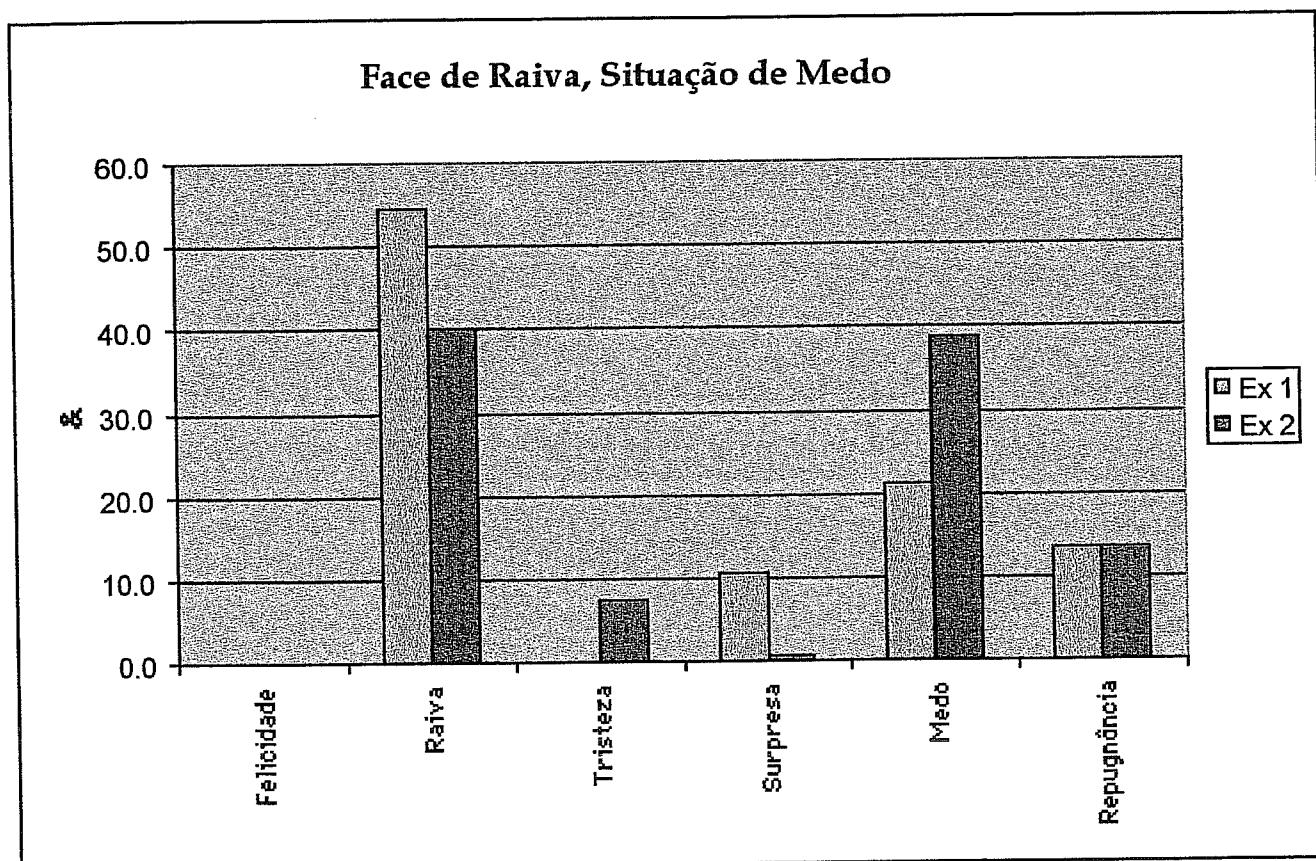


Da análise do Gráfico I, verifica-se que, para o Exemplo 1, a expressão facial de “medo” foi escolhida 22% das vezes e, quase em igual percentagem, foi considerada como sendo de “raiva” (24%). Curiosamente, 42% das vezes foi identificada como “surpresa”, o que leva a considerar os diapositivos apresentados. Não é de todo possível reconhecer e existência de uma dominância situacional ou de uma facial.

Já para o Exemplo 2., parece evidente a existência de uma dominância situacional; 71% das vezes a expressão facial de “medo” foi identificada como sendo de “raiva” (situação descrita), e apenas 2% como realmente de “medo”. Ao tomarmos em conta que a mesma expressão, quando

apresentada isoladamente, havia sido correctamente identificada 68% das vezes, a influência da situação descrita parece de facto ter sido considerável.

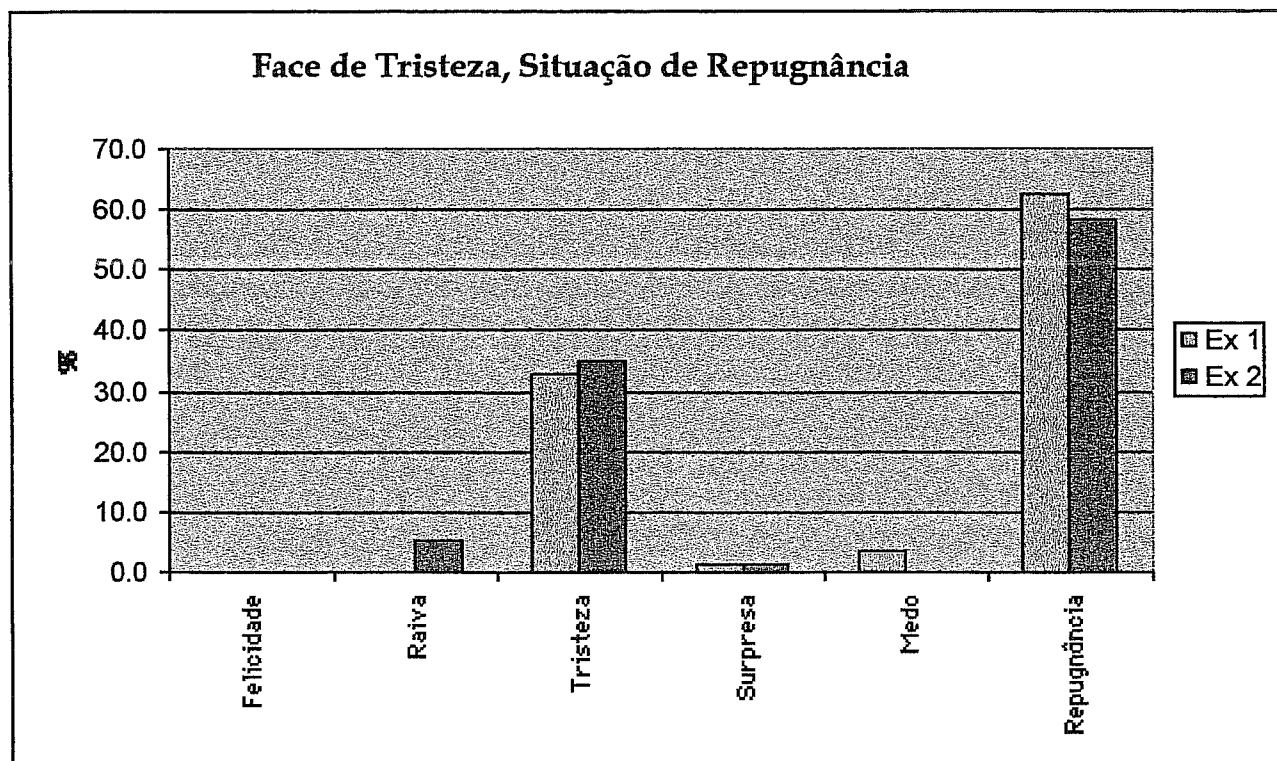
Gráfico II: Percentagem de respostas escolhidas nas categorias emocionais para a segunda condição, emparelhamento de Face Raiva com Situação Medo, nos dois exemplos



Da leitura do Gráfico II, verifica-se que, para o Exemplo 1, a face foi identificada como sendo de “raiva” 55% das vezes, o que demonstra a impossibilidade de, neste caso, se referir a existência de uma dominância situacional; a face foi interpretada como traduzindo uma expressão de “medo” apenas 21% das vezes.

No exemplo 2, parece ter existido uma maior influência do contexto situacional, quando comparativamente ao exposto para o Exemplo 1, embora de facto, em termos absolutos, de novo se verifica a inexistência de uma completa dominância situacional ou mesmo de uma dominância facial; 40% das vezes a expressão facial foi identificada como sendo de “raiva” e 39% como de “medo”.

Gráfico III: Percentagem de respostas escolhidas nas categorias emocionais para a terceira condição, emparelhamento de Face Tristeza com Situação Repugnância, nos dois exemplos



Na terceira condição, que o Gráfico III traduz, crê-se possível verificar a existência de uma dominância situacional.

Quando apresentado isoladamente o diapositivo que mostrava uma expressão facial de “tristeza”, este foi, inequivocamente, nos dois exemplos, identificado como sendo uma face de “tristeza” (100%). Assim, quando no Exemplo 1, 63% das vezes a mesma expressão facial foi classificada como de “repugnância” e no Exemplo 2 o mesmo aconteceu 59% das vezes, parece poder afirmar-se que, a situação descrita influenciou na interpretação da expressão mostrada.

Em ambos os Exemplos, 1 e 2, só 33% e 35% das vezes, é que a expressão facial foi correctamente classificada como sendo de “tristeza”. Dentro deste contexto limitado, a maior parte dos observadores considerou prioritariamente a situação descrita em lugar de interpretar os sinais que a face alegadamente transmitia.

Dominância Situacional

Para testar a hipótese da existência de uma dominância situacional limitada, examinaram-se as 900 respostas dos seis grupos experimentais às várias combinações "face/situação".

A tabela 4 mostra os resultados obtidos no estudo de Carroll & Russell (1996) e os resultantes deste trabalho na ES.MA. Se no estudo de Carroll & Russell, os participantes escolheram a categoria consistente com a situação 105 vezes (para um total de 150 respostas), neste trabalho essa escolha foi de 415 vezes. Neste estudo, a categoria consistente com a face foi escolhida 280 vezes, enquanto no trabalho de Carroll & Russell o havia sido de apenas 17 vezes. Quanto às escolhas efectuadas que não eram consistentes nem com a face, nem com a situação, no estudo de Carroll e Russell isto ocorreu 28 vezes, e no presente estudo 205 vezes.

O número de participantes que escolheram a categoria consistente com a situação foi significativamente maior do que o número daqueles que escolheram todas as outras combinações, ES MA: $\chi^2(1, N= 900)=5.44, p < .03$. O mesmo padrão de resultados ocorreu em cada uma das três condições experimentais.

Tabela 4

Percentagens das escolhas nas diferentes combinações "face-situação"

F+S	C & R		ES MA	
	N	%	N	%
S:	105	70	415	46
F:	17	11	280	31
N:	28	19	205	23

C & R: $\chi^2(1)=24, p < .001$

ES MA: $\chi^2(1)=5.44, p < .03$

Influência Facial

Carroll & Russell (1996), obtiveram 17 respostas (11%) consistentes com a expressão facial, que eram em número inferior ao que seria esperado (17%) se todas as respostas tivessem sido escolhidas ao acaso. No presente trabalho, foram obtidas 280 respostas consistentes com a expressão facial (31%), número superior ao esperado (17%).

As 17 respostas (Carroll & Russell), eram, apesar de tudo, consistentes, senão com uma dominância facial, pelo menos com alguma influência da expressão facial. No sentido de demonstrarem este efeito, consideraram as 105 respostas que coincidiam com a situação. Dos restantes 45 casos, as 17 ocasiões nas quais a categoria consistente com a face era escolhida, mostrou-se significativamente maior que o número predito pelo acaso ($z=2.98, p<.01$). O mesmo tratamento de resultados foi aplicado ao presente estudo; consideraram-se as 415 respostas que coincidiam com a situação e dos restantes 485 casos, verificou-se que as 280 respostas que coincidiam com a face eram mais escolhidas, de um modo significativo, que o número predito pelo acaso (485 respostas divididas pelas 5 categorias de resposta = 97; $z= 4.18, p<.001$).

Podemos chegar à mesma conclusão de um outro modo; no estudo de Carroll e Russell a percentagem de respostas consistentes com a situação (70%) dadas as combinações "face-situação" eram significativamente menores que a percentagem de respostas consistentes com a mesma situação quando a condição era apenas a da "situação" (94%); $\chi^2(1)=6.28, p<.05$. No estudo efectuado na ES.MA., a percentagem de respostas consistentes com a situação nas combinações "face-situação" foi de 87%, o que contrariamente ao trabalho de Carroll e Russell se mostrou significativamente maior que a percentagem de respostas consistentes com a mesma situação na condição "situação" (46%); $\chi^2(1)=153.69, p<.0001$. Por esta razão, a adição da informação facial, teve alguma influência na avaliação dos participantes quando confrontados com as combinações face/situação.

Clareza da Fonte

Ekman e outros autores (1972,1982) argumentaram que a diferença na clareza ("clarity") da informação situacional e facial podia influenciar desfavoravelmente a avaliação dos observadores qualquer que fosse a mais clara. Quer no trabalho realizado por Carroll e Russell (1996), quer no presente estudo, que de certo modo o procurou replicar, era suposto que as histórias e as expressões faciais fossem igualmente claras, de um modo idêntico.

A "clareza" da fonte foi operacionalizada como a percentagem de participantes que seleccionaram a categoria predita para a fonte, quando esta foi apresentada isoladamente. (Ekman *et al.*, 1972, 1982; Watson, 1972). No trabalho de Carroll e Russell, quando as histórias foram apresentadas na condição "situação", 94% das respostas eram consistentes com a categoria predita. Quando as expressões faciais eram apresentadas na condição "face", apenas 69% das respostas eram consistentes com as categorias emocionais propostas por Ekman e Friesen (1976) e Matsumoto e Ekman (1988).

Na Tabela 5, estão representados os resultados obtidos no trabalho de Carroll e Russell; para as quatro combinações que emparelharam as fontes com aproximado grau de clareza, a categoria congruente com a situação foi escolhida 67 vezes (67%), e a categoria congruente com a face foi escolhida 15 vezes (15%). Para as duas combinações com diferente fonte de clareza, a categoria congruente com a situação foi escolhida 38 vezes (76%), e a categoria congruente com a face apenas foi escolhida 2 vezes (4%). De acordo com esta comparação, Carroll e Russell concluíram que, a fonte de clareza poderia, na verdade, ter tido algum impacto mas não necessariamente para o seu estudo da dominância situacional.

Tabela 5

Percentagem de escolhas dos participantes das categorias emocionais para Face (F), Situação (S) e Face/Situação (F+S) no estudo de Carroll & Russell (1996)

		F	S	CF	CS
mr	1	44	100	4	76
rm	3	44	100	4	76
mr	2	88	84	0	60
rm	4	88	100	32	56
tr	5	92	88	8	88
tr	6	92	92	20	64
			EQ	4	76
			UN	15	67

Na Tabela 6, representam-se os resultados obtidos no presente estudo efectuado na ES. MA. Verifica-se alguma diferença nas percentagens encontradas, no que respeita à clareza da fonte; Para as duas combinações com igual fonte de clareza, a categoria congruente com a situação apresentou uma percentagem de 58% enquanto a categoria congruente com a face foi de 28%. Para as duas fontes com diferente fonte de clareza, a categoria congruente com a face apresentou uma percentagem de 37% e a categoria congruente com a situação 35%.

Tabela 6

Percentagem de escolhas dos participantes das categorias emocionais para Face (F), Situação (S) e Face/Situação (F+S) no estudo efectuado na Es.MA: (1999)

		F	S	CF	CS
mr	1	66	88	22	24
rm	3	76	98	55	21
tr	6	100	78	35	59
mr	2	68	78	10	71
rm	4	72	84	40	39
tr	5	100	94	33	63
			EQ	28	58
			UN	37	35

V –Discussão

A primazia normativa e de superioridade da face, referida por Carroll e Russell (1996), quando competindo com a situação, nem sempre é absoluta. De facto, quando colocadas de um modo avaliativo, a situação e a face, a última tem uma proeminência relativa.

Neste estudo, as duas sugestões informativas - expressões faciais e contextos situacionais - quando interpretadas individualmente, sugeriram uma diferente avaliação emocional do que quando apresentadas em conjunto, de um modo emparelhado, no qual não havia congruência entre a “situação” e a “face”. Deste modo, é imperioso que seja reavaliada a mensagem que, de facto, uma expressão facial transmite.

As expressões faciais utilizadas incluíam emoções específicas, e daí que, nalguns casos, se tenha verificado a proeminência da face; porém, nem sempre, as faces suprimiram as expectativas situacionais utilizadas, aquando a atribuição das emoções.

Este facto, permite afirmar que a face, em si mesma, nem sempre constitui sinal de uma emoção específica e em alguns casos a situação permite predizer a avaliação da emoção em lugar da informação facial.

Parece evidente que, entre as duas posições, se situa a relativa proeminência facial; mas também, se a face é , em alguns casos, como o presente estudo evidenciou, capaz de se sobrepor ao contexto situacional, então é , igualmente relativa a dominância situacional.

O conceito proposto por Carroll e Russell (1996), de “dominância situacional limitada”, parece ter sido evidente neste estudo. Ao serem informados do contexto antes da visualização das expressões faciais, os observadores evidenciaram que a informação facial se tornava menos evidente. Assim, a predição de que quando o observador vê uma expressão facial clara e típica de uma emoção básica, dada a assumida proeminência da face, este sinal deveria superar quaisquer expectativas derivadas da informação acerca da situação (“dominância situacional”), não se verificou. A interpretação/avaliação das faces foi certamente suscitada pela informação previamente cedida e lida da situação em cada uma das condições experimentais.

Porém, nos emparelhamentos efectuados “situação-face”, estas eram incongruentes com o contexto situacional apresentado, e nalguns casos, a face teve um precedente natural sobre a situação.

Atendendo ao que foi anteriormente referido e ao que os resultados encontrados evidenciam, parece demonstrada a existência de uma dominância situacional limitada; após a informação situacional que leram, os observadores visualizaram as expressões faciais e apercebendo-se primeiro de uma informação quasi-física, interpretaram as faces segundo o que lhes havia sido sugerido para esses mesmos traços fisionómicos. O papel da informação situacional parece, portanto, não ser de menosprezar e permite contestar a “esmagadora” dominância facial que dominou este campo de pesquisa a partir da década de 60.

De qualquer modo, não se pode ignorar o facto de, neste estudo, ter sido utilizado o método de escolha forçada, o que “obrigou” os sujeitos a estarem confinados às emoções consideradas standarizadas, não respondendo livremente; desconhece-se pois, quais seriam os resultados de um outro tipo de pesquisa e de que modo o procedimento utilizado influenciou as próprias evidências obtidas.

O método utilizado de palavras correspondentes às poses faciais é o mais comum; porém, Russell (1995), Ekman (1994) e Izard (1994), não deixaram de sublinhar quanto este retira do estudo do comportamento facial a sua espontaneidade e contempla, exclusivamente, o estudo das respostas cognitivas com a potencial fonte de erro que deve ser considerada como possível de existir quando se avaliam os resultados.

Os resultados obtidos com os diapositivos das expressões faciais de “Medo”, parecem evidenciar alguma confusão de interpretação. A expressão facial correspondente ao diapositivo nº 79 mostrou ter sido confundida com surpresa, o que aliás tem sido referido em outros trabalhos similares, daí a incerteza na distinção destas duas expressões faciais (Russell, J. A.; Fernández-Dols, J.M., 1997). A manipulação facial existente na utilização destes diapositivos em particular, poderá ter influenciado as opções de escolha tomadas pelos observadores.

Do trabalho apresentado, pode referir-se que, se a leitura da situação descrita pode ter sugerido a interpretação da emoção, a visualização da face e a orientação da resposta também poderão ter influenciado a avaliação da categoria emocional. Este argumento remete para a posição expressa por Fridlund (1997), segundo a qual as expressões faciais não são “lidas” como

estados emocionais, envolvendo a sua categorização pressões específicas de selecção dos seus próprios contextos de ocorrência que, neste caso, seguiram o padrão da investigação. As expressões faciais apresentadas foram mais “displays” (exibições) do que expressões, até porque se enquadraram como um sinal intencional de comportamento para o qual, previamente, se havia descrito uma forte motivação social.

Parece pertinente considerar que se tivesse sido inverso o procedimento, isto é, se em lugar de primeiro terem sido lidas as histórias que descreviam as situações e depois apresentadas as expressões faciais, fosse o contrário, os resultados teriam apontado na mesma direcção ? “Ver” terá implícita maior ou menor determinação do que “Ler” ? O material visual na face versus situação, talvez seja mais facilmente perceptível e inteligível (Carroll e Russell, 1997), e neste estudo, como em outros idênticos a face versus situação poderá ser confundida com “visual” versus “informação escrita”.

Provavelmente, podemos considerar, como Izard (1997) que neste estudo existiu, em certa medida, uma substituição da relação expressão-emoção por uma outra de exibição-intenção. As informações situacionais fornecidas eram inconsistentes com a informação facial e, não devemos deixar de referir que, neste caso, os observadores deverão ter imaginado mais informação situacional do que aquela que lhes foi dada. Segundo Carroll e Russell (1997), a situação imaginada, ainda que orientada pelo investigador, é a que se torna psicologicamente real e é esta que utilizaram nas suas avaliações das expressões faciais.

Embora se tivesse seguido, do ponto de vista metodológico, a recomendação de Ekman (1994) de que as expressões faciais e os contextos utilizados, de facto, vinculavam uma face e uma emoção, a fonte de clareza reafirma a natureza diferente dos dois conteúdos que, segundo Fernández-Dols (1997), as denomina de fontes de informação dissimilares.

Considera-se que os observadores integraram a informação cedida previamente e, só depois, categorizaram qualquer das expressões faciais, isto é, ao procederem à avaliação das emoções exibidas (fontes discordantes das situações), haviam efectuado o processo de integração, resultando assim numa única avaliação. Esta vulnerabilidade de reinterpretação, com o que, implicitamente, sugere de influência de uma fonte sobre a outra, não pode deixar de ser referida, principalmente como razão de, nalguns casos, ter predominado a dominância facial, devido a uma maior vulnerabilidade de reinterpretação da informação contextual.

Um dos objectivos desta pesquisa envolveu a determinação de se a avaliação das faces em combinações discordantes com as situações, poderia igualar a mensagem emocional da situação, ou da expressão facial, seguindo o paradigma de Goodenough-Tinker, e parece que foi concretizado. Os resultados obtidos apontam, claramente, para a não existência dessa igualdade, porém, à semelhança dos resultados encontrados na literatura existente, nem a face, nem o contexto, parecem ter sido consistentemente dominantes. Mais do que fontes de informação competitivas, importa considerá-las como complementares e interactuantes, ainda que se desconheça o modo como o são.

ANEXOS

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

GRUPO DE CONTROLO (Observação de diapositivos e classificação das emoções com base nas expressões faciais)

Vai observar 5 expressões faciais que sugerem emoções básicas. As imagens vão ser apresentadas uma de cada vez.

Cada expressão facial específica presume-se estar associada a uma emoção particular.

Pretende-se que cada uma dessas imagens seja “classificada” pela emoção que pensa que a expressão facial traduz; para esse efeito vai dispôr de um questionário para cada uma, do qual constam 6 palavras relativas a emoções.

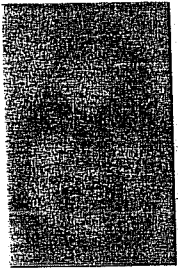
Deverá assinalar a sua resposta com um círculo para a palavra que melhor descreve qual a emoção que a figura da imagem está a sentir.

Só pode escolher uma opção por imagem

Tem 15 segundos para responder a cada imagem. No fim deste tempo assinale a resposta.

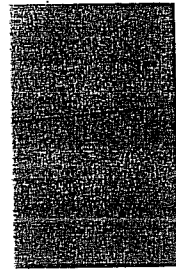
Agradecemos a sua colaboração neste estudo sobre Expressões Faciais/Emoções

18 MAR 19 1958



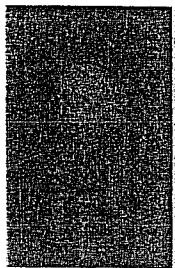
88

17 MAR 19 1958



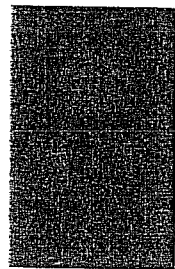
79

7 MAR 19 1958



86

6 MAR 18 1958



108

18 MAR 19 1958



85

1º Diapositivo (nº106)

Qual a emoção que sente este homem ?

- 1.Felicidade
- 2.Raiva
- 3.Tristeza
- 4.Surpresa
- 5.Medo
- 6.Repugnância

2º Diapositivo (nº 96)

Qual a emoção que sente esta mulher ?

- 1.Felicidade
- 2.Raiva
- 3.Tristeza
- 4.Surpresa
- 5.Medo
- 6.Repugnância

3º Diapositivo (nº 79)

Qual a emoção que sente este homem ?

- 1.Felicidade
- 2.Raiva
- 3.Tristeza
- 4.Surpresa
- 5.Medo
- 6.Repugnância

4º Diapositivo (nº 88)

Qual a emoção que sente esta mulher ?

- 1.Felicidade
- 2.Raiva
- 3.Tristeza
- 4.Surpresa
- 5.Medo
- 6.Repugnância

5º Diapositivo (nº 86)

Qual a emoção que sente esta mulher ?

- 1.Felicidade
- 2.Raiva
- 3.Tristeza
- 4.Surpresa
- 5.Medo
- 6.Repugnância

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

GRUPO DE CONTROLO (classificação das situações)

Vai ler 6 histórias que descrevem situações concretas que sugerem emoções básicas; para cada história pretende-se que a “classifique” pela emoção que pensa que essa mesma história transmite; para esse efeito vai dispôr de um questionário para cada uma, do qual constam 6 palavras relativas a emoções.

Deverá assinalar a sua resposta com um círculo para a palavra que “melhor descreve como a personagem da história está a sentir”.

Só pode escolher uma opção por história.

Caso lhe pareça que uma história lhe sugere uma emoção que outra já anteriormente lhe sugeriu, não tenha problemas em escolher de novo a mesma emoção.

Tem 6 minutos para responder a todas as 6 histórias.

Agradecemos a sua colaboração neste estudo sobre Expressões Faciais/Emoções.

Descrição de situações

Exemplo 1

Um homem comprou recentemente um carro novo.

Num dia em que, após ter saído do emprego, se dirigia para o parque de estacionamento, vê à distância um grupo de rapazes à volta do veículo. Começa de imediato a correr na sua direcção, mas quando chega perto do carro os rapazes já tinham fugido, mas o homem verifica que lhe furaram os quatro pneus do carro, partiram o vidro e lhe roubaram o rádio.

Qual a emoção que sente este homem ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 2

Uma mulher pretende levar a irmã a jantar fora no restaurante mais luxuoso e restrito da cidade. Para isso, meses atrás procedeu à reserva de mesa.

Quando no dia agendado entram no restaurante, o chefe de mesa vem ao seu encontro e comunica-lhe que deverão esperar cerca de 45 minutos para terem uma mesa livre. Passada uma hora ainda estão à espera, enquanto outros grupos que chegaram posteriormente já se sentaram.

A mulher dirige-se então ao chefe de mesa e explica-lhe que já havia reservado mesa com muita antecedência, respondendo-lhe o homem que está a fazer o seu melhor.

Dez minutos mais tarde, uma conhecida modelo e o seu acompanhante entram no restaurante e imediatamente se sentam. A mulher volta a pedir ao chefe que resolva a sua situação; este responde-lhe que, lamentavelmente, todas as mesas estão agora ocupadas, pelo que deverá ter de esperar uma outra hora.

Qual a emoção que sente esta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 3

Um homem está de férias com a família numa região de montanhas e de vida selvagem.

Como sempre gostou de caminhar sózinho, resolve iniciar a exploração de uma região mais interior. Distraído com a paisagem, não repara quanto se afastou no local inicial e que entrou numa espécie de caverna. Subitamente um ruído estranho faz-lo voltar-se e vê um enorme urso. Instintivamente recua, ao mesmo tempo que o animal avança, e o homem percebe que está encurralado.

Qual a emoção que sente este homem ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpreza
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 4

Uma mulher, ao fazer a retrospectiva da sua vida, verifica que nunca fez nada que possa considerar como verdadeiramente excitante.

Resolve então inscrever-se num clube de paraquedismo.

Ao fim de todos os treinos necessários, hoje é o dia do seu primeiro salto.

Quando a bordo do avião se atinge a altitude certa o instrutor chama a mulher e diz-lhe que saltará a seguir.

Ela diz-lhe que se recusa a fazê-lo e fica incapaz de abandonar o lugar onde está sentada.

Qual a emoção que sente esta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 5

Uma mulher consegue ganhar algum dinheiro extra, ajudando o seu professor de biologia a organizar o laboratório. O seu trabalho consiste em arrumar várias caixas e frascos com diferentes materiais biológicos, como rãs, vermes e até cérebros humanos.

A tarefa costuma decorrer sem problemas, mas um dia ao abrir um frasco que contém um cérebro, percebe que o frasco está de tal modo cheio que tem de imergir a mão no líquido espesso e de cheiro intenso para retirar o cérebro e colocá-lo noutra recipiente mais apropriado.

Qual a emoção desta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 6

Uma mulher regressa de uma longa viagem. Quando chega à porta da sua casa, sente um cheiro estranho, pronunciador de que se passa algo de errado. Entra na cozinha, onde o cheiro é ainda mais intenso. Descobre então um saco repleto de lixo, aberto, que se tinha esquecido de deitar fora quando partiu de viagem.

O cheiro a ranço é intenso, mas mesmo nestas condições, tenta fechar o saco. Quando o tenta transportar, o conteúdo transborda, o saco acaba por se romper e o líquido e detritos do seu interior escorrem-lhe para as pernas.

Qual a emoção que sente esta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

(Classificação de expressões faciais em contexto situacional)

Vai ler 6 histórias que descrevem situações concretas que sugerem emoções básicas; para cada história que ler, vai ser apresentada uma expressão facial específica que se presume estar associada a uma emoção particular.

As 6 imagens vão ser apresentadas a seguir a ter lido a história e serão apresentadas uma de cada vez.

Pretende-se que essas imagens sejam “classificadas” pela emoção que pensa que a história transmite; para esse efeito vai dispôr de um questionário para cada uma, do qual constam 6 palavras relativas a emoções.

Deverá assinalar a sua resposta com um círculo para a palavra que “melhor descreve como a personagem da história está a sentir”.

Só pode escolher uma opção por imagem.

Caso lhe pareça que uma história lhe sugere uma emoção que outra já anteriormente lhe sugeriu, não tenha problemas em escolher de novo a mesma emoção.

Tem 15 segundos para responder a cada imagem.

Agradecemos a sua colaboração neste estudo sobre Expressões Faciais/Emoções.

Descrição de situações

Exemplo 1

Um homem comprou recentemente um carro novo.

Num dia em que, após ter saído do emprego, se dirigia para o parque de estacionamento, vê à distância um grupo de rapazes à volta do veículo. Começa de imediato a correr na sua direcção, mas quando chega perto do carro os rapazes já tinham fugido, mas o homem verifica que lhe furaram os quatro pneus do carro, partiram o vidro e lhe roubaram o rádio.

projecção de diapositivo nº 79

Qual a emoção que sente este homem ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 2

Uma mulher pretende levar a irmã a jantar fora no restaurante mais luxuoso e restrito da cidade. Para isso, meses atrás procedeu à reserva de mesa.

Quando no dia agendado entram no restaurante, o chefe de mesa vem ao seu encontro e comunica-lhe que deverão esperar cerca de 45 minutos para terem uma mesa livre. Passada uma hora ainda estão à espera, enquanto outros grupos que chegaram posteriormente já se sentaram.

A mulher dirige-se então ao chefe de mesa e explica-lhe que já havia reservado mesa com muita antecedência, respondendo-lhe o homem que está a fazer o seu melhor.

Dez minutos mais tarde, uma conhecida modelo e o seu acompanhante entram no restaurante e imediatamente se sentam. A mulher volta a pedir ao chefe que resolva a sua situação; este responde-lhe que, lamentavelmente, todas as mesas estão agora ocupadas, pelo que deverá ter de esperar uma outra hora.

projecção de diapositivo nº88

Qual a emoção que sente esta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 3

Um homem está de férias com a família numa região de montanhas e de vida selvagem.

Como sempre gostou de caminhar sózinho, resolve iniciar a exploração de uma região mais interior. Distraído com a paisagem, não repara quanto se afastou no local inicial e que entrou numa espécie de caverna. Subitamente um ruído estranho faz-lo voltar-se e vê um enorme urso. Instintivamente recua, ao mesmo tempo que o animal avança, e o homem percebe que está encurralado.

Projecção do diapositivo n° 106

Qual a emoção que sente este homem ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 4

Uma mulher, ao fazer a retrospectiva da sua vida, verifica que nunca fez nada que possa considerar como verdadeiramente excitante.

Resolve então inscrever-se num clube de paraquedismo.

Ao fim de todos os treinos necessários, hoje é o dia do seu primeiro salto.

Quando a bordo do avião se atinge a altitude certa o instrutor chama a mulher e diz-lhe que saltará a seguir.

Ela diz-lhe que se recusa a fazê-lo e fica incapaz de abandonar o lugar onde está sentada.

Projecção de diapositivo n° 96

Qual a emoção que sente esta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 5

Uma mulher consegue ganhar algum dinheiro extra, ajudando o seu professor de biologia a organizar o laboratório. O seu trabalho consiste em arrumar várias caixas e frascos com diferentes materiais biológicos, como rãs, vermes e até cérebros humanos.

A tarefa costuma decorrer sem problemas, mas um dia ao abrir um frasco que contém um cérebro, percebe que o frasco está de tal modo cheio que tem de imergir a mão no líquido espesso e de cheiro intenso para retirar o cérebro e colocá-lo noutra recipiente mais apropriado.

Projeção de diapositivo nº 86

Qual a emoção desta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Exemplo 6

Uma mulher regressa de uma longa viagem. Quando chega à porta da sua casa, sente um cheiro estranho, pronunciador de que se passa algo de errado. Entra na cozinha, onde o cheiro é ainda mais intenso. Descobre então um saco repleto de lixo, aberto, que se tinha esquecido de deitar fora quando partiu de viagem.

O cheiro a ranço é intenso, mas mesmo nestas condições, tenta fechar o saco. Quando o tenta transportar, o conteúdo transborda, o saco acaba por se romper e o líquido e detritos do seu interior escorrem-lhe para as pernas.

Projeção do diapositivo nº 86

Qual a emoção que sente esta mulher ?

1. Felicidade
2. Raiva
3. Tristeza
4. Surpresa
5. Medo
6. Repugnância

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, P.B. (1994). Reconhecimento de Faces: Revisão da Investigação. *Jornal de Psicologia*, 12, 1. Pp. 22-29
- ARONOFF, J. e al. (1992). Which are the Stimuli in Facial Displays of Anger and Happiness ? Configurational Bases of Emotion Recognition. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 62. Pp. 1050-1066
- CARROLL, J.M.; RUSSELL, J.A. (1996). Do Facial Expressions Signal Specific Emotions ? Judging Emotion From the Face in Context. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 70, nº 2. Pp. 205-208
- CHARLESWORTH, W. (1982). Na Ethological approach to research on facial expressions.
- DAMÁSIO, A. (1995). *O Erro de Descartes*. Publicações Europa-América.
- DARWIN, C. (1965) *The expression of emotion in man and animals*. Chicago: University of Chicago Press. (Original work published 1872)
- EKMAN, P. (1982). *Emotions in the human face*. London: Cambridge University Press.
- EKMAN, P. (1992). Are there Basic Emotions ? *Psychological Review*. Vol. 99, nº 3. Pp. 550-553
- EKMAN, P. (1992). Argument for Basic Emotions. *Cognition and Emotion*, 6 (3/4), pp. 169-200
- EKMAN, P. (1994). Strong evidence for universals in facial expressions: A reply to Russell's mistaken critique. *Psychological Bulletin*, 115, pp.268-287
- EKMAN, P. ; DAVIDSON, R. J. (1994). *The Nature of Emotion – Fundamental Questions*. Oxford University Press.
- EKMAN, P. , & FRISEN, W. V. (1976). *Pictures of facial affect*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press
- EKMAN, P. , & FRISEN, W. V. (1978). *The Facial Action Coding System*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press
- EKMAN, P. (1994). All Emotions Are Basic. *In The Nature of Emotion – Fundamental Questions*. Oxford University Press, pp.15 – 20
- EKMAN, P. ; FRIESEN, W. V. & ELLSWORTH, P. (1982). What are the relative contributions of facial behavior and contextual information to the judgment of emotion ? in P. Ekman (Ed.), *Emotion in human face* (2ª ed. , pp111-127). New York: Cambridge University Press.
- EKMAN, P., FRISEN, W. V., & TOMKINS, S. S. (1971). Facial Affect Scoring Technique: A first validity study. *Semiotica*, 3, pp.37-58

- FERNÁNDEZ-DOLS, J. M.; CARROLL, J. M. (1997) Is the meaning perceived in facial expression independent of its context ?. In *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp.275 – 295.
- FERNÁNDEZ-DOLS, J. M., & RUIZ-BELDA, M. A., (1995a) Are smiles a sign of happiness? Gold medal winners at the Olympic Games. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, pp.1113-1119
- FRIDLUND, A. J. (1994). *Human facial expression: An evolutionary view*. San Diego, CA: Academic Press.
- FRIDLUND, A. J. (1997). The new ethology of human facial expressions. In *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp. 103 – 133
- FRIJDA, N. H. e TCHERKASSOF, A. (1997). Facial expressions as modes of action readiness. In *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp.78 – 103
- FRIJDA, N. H. (1994) Emotions Are Functional, Most of the Time. In *The Nature of Emotion – Fundamental Questions*. Oxford University Press
- FRIJDA, N. H. (1986) *The emotions*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- GASPAR, A. (1994). Interpretação de Combinações de unidades de Acção Facial. Estudo Preliminar numa População de Estudantes Universitários. *Actas do I Congresso Nacional de Etologia*. pp. 215-219
- GINSBURG, G. P. (1997). Faces: An epilogue and reconceptualization, in *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp.349 – 383
- GOODENOUGH, F. L. & TINKER, M. A. (1931). The relative potency of facial expression and verbal description of stimulus in the judgment of emotion. *Comparative Psychology*, 12, pp.365-370
- HESS, U.; BANSE, R.; KAPPAS, A. (1995). The Intensity of Facial Expression is Determined by Underlying Affective State and Social Situation. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 69, nº2. Pp. 280-288
- IZARD, C. (1990). Basic Emotions, Relations Among Emotions, and Emotion – Cognition Relations. *Psychological Review*. Vol 99. Nº3 – pp. 561-565
- IZARD, C. (1990). Facial Expressions and the Regulation of Emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 58. Nº 3. pp. 487-498
- IZARD, C. E. (1994). Cognition is One of Four Types of Emotion Activating Systems. In *The Nature of Emotion – Fundamental Questions*. Oxford University Press. pp.203 – 208
- IZARD, C. E. (1994). Innate and universal facial expressions: Evidence from developmental and cross-cultural research. *Psychological Bulletin*, 115, pp.288-299

- IZARD, C. E. (1997). Emotions and facial expressions: A perspective from Differential Emotions Theory. In *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp. 57 – 7
- KEATING, C.F. e al. (1981). Culture and Perception of Social Dominance From Facial Expression. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 40. N° 4. pp.615-626
- KELTNER, D. ; EKMAN, P. (1996). Affective Intensity and Emotional Responses. *Cognition and Emotion*. Vol.10 (3). pp.323-328
- LANDIS, C. (1924). Studies of emotional reaction: General behavior and facial expression. *Journal of Comparative Psychology*, 4, pp.447-509
- MALATESTA, C. Z. (1982) The expression and regulation of emotion: A lifespan perspective. In T. Field & A. Fogel (Eds.), *Emotion and early interaction* (pp. 1-24). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- MALLO, M. J., FERNÁNDEZ-DOLS, J. M., & WALLBOTT, H. (1989). Reconocimiento de emociones a partir de la expression facial y el contexto. (Recognition of emotions from facial expression and context). *Revista de Psicología Social*, 4, pp. 303-310
- MATSUMOTO, G. , & EKMAN, P. (1989). American-Japanese cultural differences in intensity ratings of facial expressions of emotion. *Motivation and Emotion*, 13, pp.143-157
- MATSUMOTO, G. , & EKMAN, P. (1988). *Japanese and Caucasian facial expressions of emotion (JACFEE) and neutral faces (JACNeuf)* (Slides & brochure). San Francisco State University.
- MUNN, N.L. (1940). The effect of knowledge of situation upon judgment of emotion from facial expressions. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 35, pp.324-338
- NAKAMURA, M., BUCK, R. & KENNY, D. A. (1990). Relative contributions of expressive behavior and contextual information to the judgment of the emotional state of another. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, pp.1032-1039
- ORTONY, A. & TURNER, T. J. (1990). What s basic about basic emotions ? *Psychological Review*, 74, pp. 315 – 341
- OSGOOD, C. E. (1996). Dimensionality of the semantic space for communication via facial expressions. *Scandinavian Journal of Psychology*, 7, pp. 1-30
- PANKSEPP, J. (1992). A Critical Role for “Affective Neuroscience” in Resolving what is Basic About Basic Emotions. *Psychological Review*. Vol.99. n° 3 pp. 554-56
- PLUTCHICK, R. (1962). *The emotions: Facts, theories, and a new model*. New York: Random House.
- PRKACHIN, G. ; PRKACHIN, K. (1994). Adaptation to Facial Expressions of Emotion. *Cognition and Emotion*. Vol.8 (1).pp.55-64
- ROSENBERG, E. L. (1995). Facing the facts. *Nature*. Vol.373. pp. 569-570

- RUSSELL, J. A. (1993). Forced – choice response format in the study of facial expression. *Motivation and Emotion*, 17, pp. 41 – 51
- RUSSELL, J. A. (1995). Facial Expressions of Emotion: What Lies Beyond Minimal Universality?. *Psychological Bulletin*. Vol. 118. Nº 3. pp. 379 – 391
- RUSSELL, J. A. (1997). Reading emotions from and into faces: Resurrecting a dimensional-contextual perspective in *The psychology of facial expression*. pp. 295 – 321
- RUSSELL, J. A. e FERNÁNDEZ-DOLS, J. M. (1997). What does a facial expression mean?. In *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp. 3 – 31
- SCHERER, K. R. (1994). Emotions Serves to Decouple Stimulus and Response. In *The Nature of Emotion – Fundamental Questions*. Oxford University Press. pp. 127 – 131
- SCHLOSBERG, H. (1952). The description of facial expressions in terms of two dimensions. *Journal of Experimental Psychology*, 44, pp. 497-510
- SIEGEL, S. (1975). *Estatística Não Paramétrica Para as Ciências do Comportamento*. São Paulo. McGraw Hill
- TOMKINS, S. S. (1962). *Affect, imagery, consciousness: Vol. 1 The positive affects*. New York: Springer-Verlag
- TOMKINS, S.S. (1963). *Affect, imagery, consciousness: The negative affects*. New York: Springer-Verlag
- WAGNER, H. L. e al. (1986). Communication of Individual Emotions by Spontaneous Facial Expressions. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 50. nº 4. pp.737-743
- WAGNER, H. L. (1997). Methods for the study of facial behavior. In *The psychology of facial expression*. Cambridge University Press. pp.31 - 57
- WAGNER, H. L., MACDONALD, C. J., & MANSTEAD, A. S. R. (1986). Communication of individual emotions by spontaneous facial expression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, pp. 737-743
- WALLBOTT, H. G. (1988a). Faces in context: The relative importance of facial expressions and context information in determining emotion attributions. In K. R. Scherer (Ed.), *Facets of emotion* (pp. 139-160). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- WALLBOTT, H. G. (1988b). In and out of context: Influences of facial expression and context information on emotion attributions. *British Journal of Social Psychology*, 27, pp.357-369
- WOODWORTH, R. S., & SCHLOSBERG, H. (1954). *Experimental psychology* (rev.ed.). New York: Holt.

Dedico este trabalho aos meus pais:

À minha mãe pela primeira expressão facial que certamente vi;
Ao meu pai por todos os contextos de que me lembro.

E porque, dos dois, nenhum foi, mais do que o outro, dominante...